



Max Weber: a “ética” calvinista e o espírito do “novo” capitalismo: Especialização, Idealismo e Ocidentalismo - O Frankenstein Sociológico

Caique de Oliveira Sobreira Cruz¹

Resumo

Este artigo foi redigido com o intento de realizar uma análise “imane”te”, baseando-se no materialismo histórico, acerca da compreensão do Sociólogo Max Weber sobre a religião calvinista e a sua correlação com o sistema capitalista, expressa em duas das suas obras mais profundas e repercutidas: “A ética protestante e o espírito do capitalismo” e “Economia e Sociedade”. Neste processo, visamos a desmistificar as concepções que, tanto comentadores quanto críticos deste autor, ergueram durante os últimos 100 anos, quais sejam: a de que Weber teria teorizado que o calvinismo foi o elemento fundador do capitalismo ou, noutra frente, que, ao menos, ele creditaria ao fator religioso ser o mais determinante dentre todos os outros, dando-lhe primazia. Entretanto, o ponto fulcral deste escrito será atingido após conseguir desembaraçar essas acepções incompletas e insuficientes da temática. Não iremos nos deter apenas e tão somente em uma investigação “imane”te” do pensamento de Max Weber, pois a nossa proposta não é só elucidar o pensamento deste teórico para comentarmos sobre ele, em verdade, pretendemos dar um passo mais audacioso, buscamos, por intermédio da tríade analítica (gênese histórica-pensamento imane”te-função social), efetuar uma severa crítica de teor Marxista ao pensamento Weberiano sobre capitalismo, religião e metodologia sociológica.

Palavras chave: Max Weber, Calvinismo, Capitalismo, Especialização, Marxismo.

Max Weber: la “ética” calvinista y el espíritu del “nuevo” capitalismo: Especialización, Idealismo y Occidentalismo - El Frankenstein Sociológico

Resumen

Este artículo fue escrito con la intención de realizar un análisis “inmanente”, basado en el materialismo histórico, sobre la comprensión del sociólogo Max Weber sobre la religión calvinista y su correlación con el sistema capitalista, expresada en dos de sus obras más profundas y transmitidas: “La ética protestante y el espíritu del capitalismo” y “Economía y sociedad”. En este proceso, pretendemos desmitificar las concepciones que tanto comentaristas como críticos de este autor han erigido durante los últimos 100 años, a saber: que Weber había teorizado que el calvinismo era el elemento fundacional del capitalismo, en el otro frente, que, al menos, creería en el factor religioso como el factor más determinante entre todos los demás, otorgándole primacía. Sin embargo, el punto principal de este escrito se logrará después de que se haya logrado desentrañar estos significados incompletos e insuficientes del tema. No nos detendremos solo en una investigación “inmanente” del

¹ Graduado em Direito pela Universidade Católica do Salvador (2018). Especialista em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá (2021). Mestrando em Políticas Sociais e Cidadania pela Universidade Católica do Salvador. Pesquisador Interdisciplinar da FAPESB. E educador popular em Sociologia pelo pré-vestibular da ADEP-UERJ. Militante do PSOL. Endereço eletrônico: caique_sobreira@hotmail.com

pensamento de Max Weber, porque nossa proposta não é apenas dilucidar o pensamento de este teórico para comentá-lo, de fato, pretendemos dar um passo mais audaz, buscamos, por intermediário da tríada analítica (gênesis histórica-pensamento imanente-função social), fazer uma severa crítica marxista ao pensamento weberiano sobre o capitalismo, a religião e a metodologia sociológica.

Palavras chave: Max Weber, Calvinismo, Capitalismo, Especialização, Marxismo.

Max Weber: the Calvinist “ethics” and the spirit of “new” capitalism: Specialization, Idealism and Occidentalism - The Sociological Frankenstein

Summary

This article was written with the intent of carrying out an "immanent" analysis, based on historical materialism, about the understanding of Sociologist Max Weber on Calvinist religion and its correlation with the capitalist system, expressed in two of his most profound and widespread works: “The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism” and “Economy and Society”. In this process, we aim to demystify the conceptions that both commentators and critics of this author have raised during the last 100 years, what are: that Weber would have theorized that Calvinism was the founding element of capitalism or, on another front, that, by least, he would credit the religious factor as the most determining factor among all others, giving it primacy. However, the main point of this paper will be reached after managing to untangle these incomplete and insufficient meanings of the theme. We will not restrain ourselves solely in an “immanent” investigation of Max Weber's thought, because our proposal is not only to elucidate the thought of this theorist in order to comment on it. In fact, we intend to take a bolder step: we seek, through the analytical triad (historical genesis-immanent thought-social function), make a severe Marxist critique of Weberian thought on capitalism, religion and sociological methodology.

Key words: Max Weber, Calvinism, Capitalism, Specialization, Marxism.

Introdução

O clássico Sociólogo alemão, Max Weber (1864-1920), visou a apreender empiricamente, a partir da realidade concreta (conforme a sua compreensão do que seria empírico no que estava avaliando), as correlações entre o sujeito que estava sendo criado para atuar dentro de um novo modo de produção, o capitalismo, e os valores de uma determinada “forma” nova de religião, o protestantismo, em uma de suas tendências específicas, o calvinismo². Ele nos trouxe as “coincidências”³ entre estes dois fenômenos sociais que se

² “[...] o dogma fundamental do calvinismo estrito - a doutrina da predestinação - exclui, por princípio, que a igreja dos calvinistas seja dispensadora de bens. [...] Exclui também que a maneira com que se comporta o próprio crente seja de alguma forma relevante para seu destino no Além, pois este já está determinado desde tempos eternos pelo decreto inescrutável e inalterável de Deus [...] De modo algum esta igreja e sua organização existem a serviço da salvação das almas e da comunidade, baseada no amor, dos pecadores, mas sim, em última instância, exclusivamente para aumentar a honra e a glória de Deus: trata-se, portanto, de uma espécie de

desenvolviam concomitantemente. Por exemplo, o fato de que o protestantismo constituiu e reproduziu “princípios” centrais que, de acordo com o autor, alavancaram o novo formato social do capitalismo “racional” moderno: a disciplina, o apreço pela poupança⁴, os lucros⁵ e a ideia de que o trabalho seria essencial para dignificar o homem⁶. O trabalho, que antes (em modos de produção de séculos anteriores) era tido como algo doloroso, agora se mostra como uma categoria sacrossanta (uma “vocação”⁷, um “fim em si mesmo”), já o ócio, que era valorizado nas épocas em que reinavam os reis, passou a ser considerado como algo negativo, uma inércia que lega ao sujeito uma etiqueta pejorativa⁸, uma estigmatização, marcada a ferro e fogo, mesmo quando o desemprego estrutural do capitalismo engendra a impossibilidade do “pleno emprego” e a necessidade do desemprego para a criação do que Karl Marx (1818-1883) denominava de “Exército industrial de reserva”⁹, gerando uma enorme concorrência entre os trabalhadores e reduzindo o nível geral do preço da força de trabalho, embora, num movimento dialético de “exclusão” e “inclusão” entre emprego e desemprego (MARX, 2013, p.459-461), tendo por momentos que elevar salários por qualificações, recrutamento de

impassível "razão de Estado" divina.” (WEBER, 1999, p.397-398).

³ “E já que o êxito do trabalho é o sintoma mais seguro do agrado de Deus, o lucro capitalista é um dos mais importantes fundamentos do conhecimento de que a bênção de Deus descansou sobre a empresa. É claro que este estilo de vida toca da forma mais íntima e muitas vezes coincide com a forma da autojustificação possível e costumeira para o trabalho aquisitivo "burguês" como tal, isto é, lucro e propriedade não como finalidades que existem por si mesmas, mas como padrão que mede a própria capacidade: está alcançada a coincidência do postulado religioso com o estilo de vida burguês favorável para o capitalismo.” (Ibidem, p.399).

⁴ “A eliminação de toda pompa feudal ostensiva e de todo consumo irracional em geral atua no sentido da acumulação de capital e do emprego sempre renovado da propriedade para fins aquisitivos, enquanto a "ascese intramundana", como um todo, atua no sentido de criar e glorificar a figura do "homem de profissão", tal como o exige o capitalismo.” (Ibidem, p.399).

⁵ “[...] entre os calvinistas, abrange também explicitamente o lucro legítimo obtido com empreendimentos capitalistas. Este lucro e os meios racionais para sua obtenção receberam então, no desenvolvimento conseqüente do calvinismo - que não é idêntico à atitude do próprio Calvino -, um caráter cada vez mais positivo.” (Ibidem, p.398).

⁶ “[...] empreendeu uma análise do “espírito capitalista” (não o sistema econômico e a empresa capitalista), articulado a uma ética de vida em torno da dedicação ao trabalho e da busca da riqueza, considerados como dever moral. [...] a contribuição do luteranismo, em que a vocação é entendida como o chamado de Deus para o exercício da profissão no mundo do trabalho [...] o protestantismo pós-luterano, ponto de partida da ética econômica capitalista, em que o trabalho e o sucesso na vida econômica são compromissos do crente e caminho para a salvação [...] E o pensamento de Weber vai nos conduzindo para uma compreensão da moral protestante em que a valorização religiosa do trabalho e da riqueza conduz a uma formação de um indivíduo de personalidade sistemática e ordenada” (BATISTA in WEBER, 2016, p.8-9).

⁷ “Isso provê a fundação mais favorável para a concepção de trabalho como um fim em si mesmo, como uma vocação, o que é necessário para o capitalismo: as chances de superar o tradicionalismo são maiores como conseqüências da educação religiosa. Essa observação do capitalismo presente por si só sugere que vale a pena questionar como essa conexão da adaptabilidade de fatores religiosos ao capitalismo pôde vir à tona nos dias dos primórdios do desenvolvimento do capitalismo” (WEBER, 2016, 62-63).

⁸ “Nem o lazer nem a diversão, mas apenas a atividade serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com as definitivas manifestações da Sua vontade. O desperdício de tempo é, portanto, o primeiro e o mais mortal dos pecados. [...] Perda de tempo com sociabilidade, com conversas alheias, luxúria, e mesmo dormir mais do que o necessário para a saúde, de seis a, no máximo, oito horas, é digno de absoluta condenação moral” (WEBER, 2016, p.227).

⁹ A propósito desta categoria, buscar em “O capital”, capítulo 23: “A lei geral da acumulação capitalista”.

“subempregados” em metamorfoses da morfologia do mundo trabalho ou em um *boom* de “superprodução”, quando já há tantos desempregados e salários baixos que é necessário um rearranjo no sistema de empregos para que a “enorme coleção de mercadorias” não fique presa sem sequer conseguir chegar na fase de circulação do capitalismo, explodindo uma crise estrutural sistêmica. Essa dialética da integração e segregação ao mercado de trabalho não foi muito bem compreendida por Max Weber, que numa leitura de “segunda mão”, sem acessar o capítulo 23 de “O capital”, chegou a concordar em alguma medida com a motivação do desemprego em massa, mas, por observar erroneamente que este processo seria estanque para os marxistas, ou seja, uma tendência inexorável e inalterável de rebaixamentos do Custo Unitário da Força de Trabalho (CUT), confrontou, no geral, a tese, sem compreendê-la em Weber (2016, p.61).

Faz-se indispensável a menção de que esses “princípios” que Weber considerava como medulares e edificantes do “novo” capital, estavam inteiramente ligados a uma compreensão econômica liberal “vulgar” da realidade social. Não é mera coincidência a sua noção de que a poupança seria fundamental para a reprodução sociometabólica do sistema¹⁰ e não outra ótica como a da utilização recorrente do sistema de crédito e a sua intervenção para suprir a retração da “demanda efetiva” e equilibrar a balança entre oferta e demanda, por exemplo, como iria “receitar” o inglês, John Maynard Keynes (1883- 1946), na obra “A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda” de 1936 (teoria da qual, também, não somos adeptos, utilizada aqui apenas a título de exemplificação contraditória) 16 anos após a morte do alemão. Embora o próprio Max Weber não estivesse convencido completamente pelas teorias “marginalistas” do valor, é evidente a influência delas sendo base de boa parte do seu substrato teórico-metodológico.

¹⁰ Neste aspecto, abundam citações a Benjamin Franklin nos textos de “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Vamos expor apenas duas delas, nas quais se evidenciam a torpe concepção de “capitalismo de trabalho” em que, fantasiosamente, a fortuna dos capitalistas seja provinda do seu próprio trabalho e poupança e não da exploração da força de trabalho alheia. Portanto, Weber demonstra a noção pueril de que essas condutas individuais de “prudência” e “poupança” constituam o “*ethos* particular” do “novo” capitalismo ocidental: “Se no começo tomas as dores de atentar aos detalhes, isso terá o seguinte efeito benéfico: descobrirás como despesas insignificantes, fantásticamente pequenas, amontoam-se em grandes somas, e dicernirás o que poderia ter sido e o que poderá ser poupado para o futuro [...] Aquele que gasta um groat indolentemente por dia desperdiça mais de seis libras por ano, que é o preço do uso de uma centena delas. Aquele que desperdiça no ócio o equivalente de seu tempo ao valor de um groat diariamente, dia após dia, desperdiça o privilégio e fazer uso de cem libras a cada dia. [...] É certo, todas as atitudes morais de Franklin estão repletas de utilitarismo. A honestidade é útil por assegurar o crédito; assim como são a pontualidade, a industriiosidade, a frugalidade, e essa é a razão pela qual elas são virtudes” (WEBER, 2016, p.52-53). E a segunda citação: “De fato, o *summum bonum* (bem maior) dessa ética, a aquisição de mais e mais dinheiro, combinada com a dura aversão a todo desfrute espontâneo da vida [...] O ganho de dinheiro no interior da moderna ordem econômica é, sendo obtido legalmente, o resultado e a expressão da virtude e da proficiência em uma vocação; e essas virtude e proficiência são, como agora não é difícil de se perceber, os verdadeiros alfa e ômega da ética de Franklin, como expressa nas passagens que citamos, assim como em todas as suas obras sem exceção.” (WEBER, 2016, p.54-55).

Não foi por acaso que ele citou o “iluminista” norte-americano Benjamin Franklin (1706-1790) acerca do “dinheiro”, em que a teoria do valor-trabalho passa longe: “Lembra-te que o dinheiro é de natureza prolífica, geradora. Dinheiro pode gerar dinheiro” (WEBER, 2016, p.51). Inclusive, no que diz respeito à suposta “complexidade” da sociedade moderna e à impotência do sujeito perante uma gigantesca “dispersão do conhecimento”¹¹, algo que pode ser encontrado nos “marginalistas” do final do século XIX e início do XX e, de forma mais elaborada e rebuscada, em Friedrich Hayek (1899-1992) no século XX, posteriormente à partida de Weber do mundo terreno. Não deixamos de avaliar e acentuar nesta toada, também, a proeminente contribuição da teoria do conhecimento kantiana para esse processo de limitação da razão do sujeito nos autores retromencionados, mas, acerca desta correlação, trataremos em outro escrito, oportunidade em que iremos esboçar a nossa concepção sobre o “Neokantianismo” impregnado no método de Max Weber.

Muitos dos sociólogos clássicos, como Georg Simmel (1858-1918), Max Weber, Alfred Weber (1868-1958), dentre outros, vão aderir, conscientemente ou inconscientemente, a boa parte dos “conhecimentos” produzidos pelas academias nas outras áreas teóricas e, desta forma, acabaram tendo uma influência grande da teoria econômica burguesa que já emergia com força desde o final do século XIX e, outrossim, levando e tomando o nevrálgico dos seus pressupostos como corretos, sem contestação, passaram a absorver aquilo que acreditavam ser científico por estar sendo disposto pelos teóricos de cada área nas academias (ou seja, tomando como pronto e acabado, aquilo que os teóricos mais influentes de cada disciplina estavam produzindo, aceitando acriticamente essas exegeses e erigindo sobre elas as análises dos fenômenos sociais que caberiam supostamente à Sociologia, implementando o que os economistas, os historiadores e os antropólogos burgueses teorizavam). Um dos fatores principais para este tipo de impostura intelectual era a intensa especialização e fragmentação do conhecimento que as universidades promoviam neste período histórico, da qual a Sociologia foi a principal guia para a fratura entre teoria social e economia no final do século XIX, refletindo e reproduzindo nas pesquisas acerca das “questões sociais” a divisão social do trabalho capitalista extremamente atomizada e especializada.

¹¹ O historiador britânico, Peter Ghosh, ao comentar sobre o pensamento de Max Weber e o capitalismo moderno, demonstra essa ideia de “desintegração” do mundo e do conhecimento, com a impossibilidade de sua captura totalizante, e essa tendência está muito viva, de fato, em Weber: “Havia outro tipo de desintegração além daquela da ética tradicional. A proliferação de sabedoria e de reflexão sobre a sabedoria tornou impossível para qualquer pessoa saber e conseguir observar tudo. Em um mundo que não podia ser capturado como um todo, e onde não haviam valores universalmente compartilháveis, a maior parte das pessoas se agarrava ao nicho particular ao qual estavam mais comprometidas: seu emprego ou profissão. Elas tratavam seu trabalho como sendo um chamado pós-religioso, “um absoluto fim em si mesmo”, e, se a “ética” ou “espírito” moderno tinham uma fundação maior, aqui estava ela.” (GHOSH, 2018).

Essa influência do pensamento econômico liberal em Weber é tão cabal que, se formos ler alguns trechos das suas obras e não verificarmos os anos em que foram escritas e o nome do autor, poderíamos com certa facilidade confundir esses fragmentos teóricos com as “aulas” dos “Coachs” de empreendedorismo que temos em nossos tempos. Em várias passagens, Max Weber se expressa como um ferrenho apologista de uma visão quimérica de burguês, edificando uma imagética ilusória do capitalista “inovador”, “desbravador”, “empreendedor” que estaria trazendo consigo a revolução necessária para instaurar o “novo espírito” do capitalismo. Poupano, investindo arduamente, vindo de família pobre ou de classe média e crescendo pelo seu *ethos* do esforço e do “trabalho”. A apologética Weberiana é visceral, como se fossem esses burgueses de “grandes” ideias que fizessem avançar o sistema, e não a força de trabalho dos proletários que geram novo valor e que, de fato, trabalham dentro desse sistema, enquanto o “virtuoso” e “vocêcionado” burguês exposto por Weber, por ser detentor dos meios de produção e do “capital constante”, recolhe a riqueza criada pelo “capital variável”. A sociedade que encontramos neste tipo de sociologia é apenas a representação do senso comum burguês encontrado na “economics” vulgarizada que abandonou a Economia Política clássica e a teoria do valor-trabalho, Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823) foram deixados de lado, lembrados apenas por saudosismos dos “liberais clássicos”. Veremos, em citação, como Weber enxergava fantasiosamente esse novo burguês que, por conseguinte, seria a base para as novas condutas e expansão do devaneio dito “novo espírito” que estaria, em sua perspectiva, fazendo desmoronar o “espírito tradicionalista”:

[...] a revolução que vem levando ao fim o velho tradicionalismo ainda está em pleno curso [...] A certa altura essa mansidão foi destruída [...] algum jovem de uma dessas famílias de produção domiciliar vai para o campo, escolhe cuidadosamente os tecelões que empregará, aumenta intensamente o rigor de sua supervisão sobre o trabalho deles e, assim, os transforma de camponeses em operários. Por outro lado, ele começaria a transformar os seus métodos de venda, passando a ir, na medida do possível, diretamente ao consumidor final, tomaria os detalhes em suas próprias mãos, atrairia pessoalmente os clientes, visitando-os todos os anos e, sobretudo, adaptaria a qualidade do produto diretamente para as suas necessidades e seus desejos. [...] Repetiu-se o que sempre e em toda parte é o resultado de um tal processo de racionalização. [...] A antiga atitude pacata e confortável em relação à vida teve de ceder à dura frugalidade na qual alguns tomavam parte e que encontrou seu auge, porque eles não desejam consumir, mas ganhar, enquanto os outros gostariam de manter os velhos modos foram forçados a conter o seu consumo. [...] mas o novo espírito, o espírito do capitalismo moderno, que foi posto em operação. A questão das forças motrizes nessa expansão do capitalismo moderno não é em princípio uma questão de origem de somas de capital acessíveis ao uso capitalista, mas, antes de tudo, do desenvolvimento do espírito do capitalismo. [...] Sua entrada em cena comumente não foi pacífica. Uma inundação de

desconfiança, por vezes de ódio, sobretudo de indignação moral, regulamente opunha-se ao primeiro inovador. [...] Além disso, combinadas a clareza visionária e a habilidade para a ação, é apenas em virtude de qualidades éticas muito bem definidas e altamente desenvolvidas que foi possível para ele conquistar a confiança absolutamente indispensável de seus clientes e operários. Nada mais poderia ter-lhe oferecido a força para superar os inúmeros obstáculos, em especial, o trabalho infinitamente mais intensivo que é demandando do empreendedor moderno. E, via de regra, também não foram especuladores temerários e inescrupulosos, aventureiros econômicos como os que encontramos em todos os períodos da história econômica, nem simplesmente grandes financiadores que impulsionaram essa transformação, que vista de fora parece tão discreta, mas que, de qualquer maneira, foi tão decisiva para a penetração da vida econômica pelo novo espírito. Pelo contrário, eles eram homens que tinham crescido na dura escola da vida, calculando e venturando-se a um só tempo, acima de tudo resolutos e confiáveis, astutos e completamente devotados a seus negócios, com princípios e opiniões estritamente burgueses. [...] A habilidade de libertar-se da tradição costumeira, uma espécie de esclarecimento liberal, parece ser a base mais adequada para o sucesso de um tal homens de negócios. (WEBER, 2016, p.65-68).

Portanto, o alerta de Lukács (2020, p.10), faz muito sentido para essas questões por ora discutidas. Ele afirmava que: “[...] não existe visão de mundo “inocente”. Em nenhum sentido tal visão de mundo existe”. E, acerca do que explicitamos sobre Max Weber, os sociólogos clássicos e a teoria econômica, a concepção do húngaro caminhou na mesma esteira, como demonstraremos nas citações a seguir: “[...] pois o fato de os sociólogos alemães assumirem economicamente o ponto de vista da nova economia vulgar subjetivista os impede de conhecer e compreender a economia marxista quanto mais de polemizar efetivamente contra ela [...] O caráter subjetivista em última instância da sociologia de Weber se expressa do modo mais claro no seu conceito de lei.” (LUKÁCS, 2020, p.527-531).

Dessas necessidades surge sobretudo uma nova Teoria Econômica, cuja pretensão é dar uma resposta “teórica” aos problemas que estão na ordem do dia da burguesia e, a par disso, “suplantar” o marxismo no terreno da economia. [...] A partir de agora, a separação entre economia e sociologia buscada pelo Ocidente, bem como a coexistência de ambas que aí vigora, também passa a existir na Alemanha. Trata-se da assim chamada “escola austríaca” de Menger, Böhm-Bawerk e outros. [...] Assim surgem as pseudoteorias que buscam seu fundamento exclusivo nos fenômenos superficiais da vida econômica (a oferta e a procura, o custo de produção, a distribuição, etc.) e formulavam, com base nisso, as pseudoleis das reações subjetivas (a da utilidade marginal, por exemplo). [...] Com isso, a nova economia vulgar emergente abre caminho – como no Ocidente – para uma ciência sociológica própria dissociada da econômica e “complementar” em relação a ela. Os mais importantes representantes da sociologia do período imperialista na Alemanha, em suas visões econômicas, são de um modo tácito ou declarado partidários dessa escola. (LUKÁCS, 2020, p.512-513).

Após as importantes observações feitas, retomamos a compreensão dos elementos

concomitantes entre o protestantismo e o capitalismo “racional”¹². No sentido posto por Weber, fica comprovado de fato que a religião, como fator cultural, exerceu e continua exercendo influência no condicionamento dos comportamentos humanos, adequando-os para uma nova formatação de relações de produção¹³, gerando valores que coadunam com o desenvolvimento econômico deste mundo que surgia. Na obra em que este autor elaborou sobre a questão, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, ele ainda nos dá os exemplos dos países mais “desenvolvidos” de seu tempo e que tinham, na maioria de seu povo, a adesão ao protestantismo, “desenvolvendo-se” cada vez mais por conta destes fatores, segundo o autor, registre-se. Tendo em vista que, por termos adesão ao materialismo histórico enquanto ferramenta de apreensão da realidade, tendo a categoria da totalidade como uma das suas principais fundamentações, não congregamos da mesma interpretação “culturalista” de Weber, pois, para nós, o “desenvolvimento” maior destes países tem origem muito mais numa relação global que enquadra uma desigual divisão internacional do trabalho, o colonialismo e o neocolonialismo, a espoliação dos povos, o imperialismo, a superexploração da força de trabalho e a “Expropriação da terra pertencente à população rural” (MARX, 2013, p.515). Elementos como estes, ocupam, em nossa ótica, um espaço muito maior na totalidade social do que os princípios religiosos que Weber elenca e abarca, e isso não significa descartar o papel condicionante destes mesmos elementos, mas, tão somente, ressaltar que na composição orgânica dos contrastes entre os países imperialistas dominantes centrais do capitalismo “contemporâneo” e os países dependentes dominados e periféricos, há dezenas de fatores que sobrepujam os que o Sociólogo alemão apresenta. Somente estamos pontuando que, dentro dessa totalidade, existe um amontoado de questões que precisamos focalizar para compreender a ascensão dos países imperialistas que são mais decisivos, em última instância¹⁴. O próprio “capital”, enquanto uma relação social, tem uma força repressora de expansão incontrolável e avassaladora, como já avistavam, em 1848, Marx e Engels:

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, idílicas. Dilacerou sem piedade todos os complexos e variados laços que uniam o outro vínculo senão o frio interesse, as duras

¹² “A vida “metódica” - a forma racional da ascense - é desta maneira transportada do mosteiro para o mundo.” (WEBER, 1999, p.399).

¹³ Modos como os seres humanos se reúnem e se relacionam para produzirem e reproduzirem as condições materiais e imateriais de sua própria existência.

¹⁴ Indicamos duas obras para que o leitor possa se aprofundar nas fontes da nossa concepção sobre o desenvolvimento, via imperialismo, dos países do centro do capitalismo. A primeira obra, compreende a parte inicial deste processo de pilhagem e espoliação internacional, é “O Capital”, Livro I, de Karl Marx, nos seus capítulos 24 e 25, denominados “A assim chamada acumulação primitiva” e “A teoria moderna da colonização”, respectivamente. A segunda obra, compreende a nossa quadra histórica e o período contemporâneo do imperialismo, é “Imperialismo, estágio superior do capitalismo”, de autoria de Lenin.

exigências do "pagamento em dinheiro". [...] Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita instalar-se em toda parte, explorar estabelecer relações em toda parte. Por meio da exploração do mercado mundial, a burguesia confere um caráter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. (MARX; ENGELS, 2012, p.40-41).

Com o rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o infinito melhoramento dos meios de comunicação [...] Os preços baixos de seus produtos são a artilharia pesada com que derruba todas as muralhas da China e força à capitulação. [...] Obriga todas as nações a adotar, sob pena de extinção, o modo de produção da burguesia; obriga-as a introduzir a pretensa civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Numa palavra, ela cria para si um mundo à sua própria imagem. [...] subordinou também os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente. (MARX; ENGELS, 2012, p.41-42).

Segundo Lukács (2020, p.525), uma das principais problemáticas que os Sociólogos alemães do “período imperialista” visaram a resolver, diz respeito justamente ao apagamento histórico dos genocídios e da brutalidade da “Assim chamada fase de acumulação primitiva” que pavimentou a estrada para a expansão do sistema capitalista, buscando colocar no lugar da barbárie concreta, uma série de explicações idealistas para o surgimento do capitalismo. Sendo Max Weber, o mais bem-sucedido nesta empreitada, tendo as suas ideias muita influência para esse processo de revisionismo e transformismo da história do sistema burguês:

O problema central da sociologia alemã no período do imperialismo do pré-guerra é encontrar uma teoria sobre o nascimento e a essência do capitalismo [...] A pedra de toque real da sociologia alemã é a acumulação originária, pela qual os trabalhadores são violentamente separados dos meios de produção (ao serem partidários da “teoria da utilidade marginal”, a maior parte dos sociólogos alemães considera a teoria da mais-valia como desprovida cientificamente de importância). Como substituto sociológico para a acumulação originária surge uma plêiade de novas hipóteses e teorias. Sombart em particular atua nesse terreno com grande fervor. Ele oferece uma série de razões explicativas para o nascimento do capitalismo: os judeus, a guerra, o luxo, a renda urbana do solo etc. Porém, a concepção mais influente sobre o desenvolvimento posterior é a de Max Weber.

A “ética” calvinista e o “novo” capitalismo:

Um dos países “imperialistas” analisados por Weber foi justamente os Estados Unidos da América, famoso contemporaneamente por ser uma potência econômica e militar e pelos seus sucessivos avanços “imperialistas” sobre os demais países do globo terrestre, em especial, aqueles em condição de “periferia” no sistema capitalista global, saqueando produtos naturais e causando, direta ou indiretamente, guerras longevas. Logo após a sua viagem para

este país, em 1904, Weber redigiu a já supramencionada obra sobre a questão do protestantismo, que teve a sua primeira publicação completa em 1905¹⁵ (os artigos que compõem o livro foram publicados na Revista Alemã “Arquivos de Ciências Sociais e Política Social” que Weber foi diretor¹⁶).

Para o sociólogo alemão, não se tratava de buscar os elementos fundantes do capitalismo, haja vista que ele assumiu a postura metodológica dos “recortes” e do “tipo ideal” em vários escritos, como no livro “Economia e Sociedade” que foi publicado postumamente, mas que trazia para o debate a questão econômica, também, como fundamental¹⁷. Na sua ótica, o capitalismo já existia, de forma “rudimentar”, muito antes do nascimento da religião protestante ou da “Reforma” religiosa. O autor identificava elementos da sociedade de sua época em sociedades anteriores e, com isso, concluía que o capital precedia ao seu tempo e ao próprio protestantismo:

Por outro lado, contudo, não temos qualquer intenção de sustentar uma tese tola e doutrinária, pela qual o espírito do capitalismo [...] possa ter surgido apenas como resultado de certos efeitos da Reforma, ou mesmo que o capitalismo, como sistema econômico, seja efeito da Reforma. O fato de que certas formas importantes de organização capitalista dos negócios são sabidamente mais antigas que a Reforma bastaria, por si só, para refutar tal afirmação. Ao contrário, queremos apenas nos certificar se, e em que medida, as forças religiosas tomaram parte na formação qualitativa e na expansão quantitativa desse espírito pelo mundo. Além disso, verificar que aspectos de nossa cultura capitalista podem apontar para aquelas. Tendo em vista a tremenda confusão das influências interdependentes das bases materiais, as formas de organização social e política e as ideias vigentes no tempo da Reforma, apenas poderemos investigar se, e em que pontos, podemos considerar certas correlações entre as formas de crença religiosa e as práticas éticas. (WEBER, 2004, p. 75).

Neste sentido, o capitalismo e os empreendimentos capitalistas [...] existiram em todos os países civilizados da Terra, até onde a documentação econômica nos permite julgar. Na China, Índia, Babilônia, Egito, Antiguidade mediterrânea e na idade média, assim como nos tempos modernos. [...] O conceito “espírito do capitalismo” é utilizado aqui neste sentido específico; trata-se do espírito do capitalismo moderno. Que aqui estamos lidando apenas com o capitalismo europeu ocidental e norte-americano é óbvio pela maneira como o problema foi proposto. O capitalismo existiu na China, na Índia, na Babilônia, no mundo antigo e na

¹⁵ “Foi nesse trabalho, um marco para a Sociologia, que Weber expôs sua tese de que o protestantismo ascético teria levado ao desenvolvimento de um capitalismo, alicerçado em burocracia, em torno de um Estado racional e legal” (BATISTA in WEBER, 2016, p.8).

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Vejamos uma das passagens desta clássica obra: “Mas a seleção pessoal está muito longe de ser o caminho único ou principal da formação de estamentos: os vínculos políticos ou a situação de classe foram, desde sempre, pelo menos igualmente decisivos, e hoje a importância da última é amplamente decisiva, pois, de forma natural, a possibilidade de uma condução da vida “estamentalmente” adequada costuma estar condicionada, entre outras coisas, por fatores econômicos.” (WEBER, 1999, p.183).

Idade Média. (WEBER, 2016, p.18-53).

Naturalmente, trata-se do moderno empreendimento capitalista peculiar ao Ocidente, não do tipo de capitalismo espalhado pelo mundo durante três mil anos, da China, Índia, Babilônia, Grécia, Roma, Florença, até o presente [...] As emergentes média e pequena burguesias, de onde principalmente eram recrutados os empreendedores, eram em grande parte aqui e em outros lugares típicas representantes tanto da ética capitalista quanto da fé calvinista. Mas isso se adequa muito bem à nossa presente tese: em todas as épocas existiram grandes banqueiros e mercadores. Mas uma organização capitalista racional do trabalho industrial não fora conhecida até a transição da Idade Média para os tempos modernos. (Ibidem, p.84).

Portanto, a questão da religião influenciando a economia do “mundo ocidental” se efetua como um elemento que a desenvolveu, não que a criou, como lemos em alguns manuais de sociologia e em livros de comentadores/especialistas weberianos de forma inconsistente e com frágil fundamentação, informando-nos que, para o autor, o protestantismo teria, supostamente, com o seu espírito “ético”, gerado o sistema socioeconômico capitalista, o que não procede se adentrarmos com proficuidade no seu arsenal teórico. Em verdade, o que Weber identifica nos “valores” calvinistas é a possibilidade do “desenvolvimento” máximo da sociedade capitalista através da adoção, por parte dos indivíduos, deste complexo-valorativo que combinaria perfeitamente com as relações de produção capital x trabalho (denominadas por Weber doutra forma: “*commenda*”. Que seria uma espécie de relação de contrato entre sujeitos formalmente “livres”: um investidor de “capital” e um trabalhador) sendo a “ética” protestante o “espírito” *par excellence* do próprio sistema, a sua encarnação mais completa, definida e perfeita. Isto significa que, para ele, já havia capitalismo antes desta “ética” e mais, ele definia outros países que não tinham predominância desta religião, também, como capitalistas, isto demonstra por evidência qual o cerne da sua tese. Não é uma relação entre fundante/fundado, mas entre desenvolvimento “superior” *versus* desenvolvimento “inferior” do sistema capitalista.

A respeito destas concepções, consideramos como anacrônica a visão Weberiana de encontrar similaridades formais entre períodos históricos que conviveram com sistemas socioeconômicos diferentes em sua integralidade. Constitui-se, ao nosso ver, uma completa imprecisão histórica e metodológica realizar recortes de fenômenos contemporâneos e tentar demonstrar similitudes entre eles e fragmentos antigos que podem ter algum resquício de mesma aparência, mas não contém a mesma substância. Parece-nos um movimento teoricamente insuficiente de buscar equalizar a história da humanidade por intermédio de uma teleologia geral em que elementos “embrionários” antigos se replicam eternamente, apenas se

“desenvolvendo” e superando uma fase “inferior” por outra “superior” dos mesmos fenômenos. Nesta perspectiva formalista, perdem-se as particularidades de cada sistema e as rupturas da história que fazem emergir novas formatações que nunca antes existiram, nem em pequenos vestígios. Por exemplo, o sistema capitalista, que para Weber existe desde a antiguidade (sem a substância “racional”) por haver sistemas de trocas. Para nós, só existe na modernidade, pois, só consegue se realizar em sua plenitude através do mercado como elemento primordial de sua composição, o que só vem a ocorrer há poucos séculos atrás, pelo colonialismo dos séculos XV e XVI, ou mesmo, no limite interpretativo, começando a ter possibilidades de engendramento após as cruzadas religiosas dos séculos XI a XIII que expandiram as rotas de comércio involuntariamente. Não cremos haver pertinência o constructo abstrato de um tipo ideal que visa a erguer uma tipologia de coincidências entre todos os tempos históricos. Com isso, Weber acaba por registrar em sua análise a presença de um “capitalismo atrasado” em sociedades que reputamos não capitalistas e que tem os seus próprios sistemas, com relações de produção completamente diversas e níveis de forças produtivas incomparáveis, mas que, em Weber, encontram anteparos comparativos: “[...] a noção de “capitalismo” passa a desempenhar um papel central na análise da economia antiga nos escritos de Max Weber. De modo idealtípico, a definição da economia antiga como capitalista envolve a delimitação de suas especificidades e, simultaneamente, oferece um contraponto comparativo fundamental para a constituição do tipo do capitalismo moderno.” (GRIGOROWITSCHS, 2021, p.3).

Entretanto, apesar das discordâncias com a metodologia Weberiana que gera essas compreensões de “capitalismo”¹⁸, precisaremos nos ater justamente nela e em sua imanência,

¹⁸ “Tudo depende da delimitação do conceito de “capitalismo”, que pode naturalmente ser efetuada de maneiras muito diversas.” (WEBER apud GRIGOROWITSCHS, 2021, p.44). E “O resultado é que, de modo algum, não deve ser entendido por espírito do capitalismo apenas o que isso significará para nós de acordo com os propósitos de nossa análise” (WEBER, 2016, p.50). Neste quesito, há uma enorme confusão sobre as definições de capitalismo, Weber enxergava o “velho” capitalismo como “inferior”, não racionalizado, já o “novo” capitalismo, seria muito mais do que relações econômicas, seria um espírito ou *ethos* racionalizado dos indivíduos que constituíam a realidade pelas “ações sociais”. Isso significa dizer que existe muita problemática na tomada do termo “capitalismo” como se fosse uníssono em vários autores, o conceito de capitalismo de Marx, das relações de produção capital *versus* trabalho e da propriedade privada dos meios de produção, é diverso do de Weber. Podemos mencionar Ghosh (2018) para sintetizar a concepção geral de Weber sobre o que seria esse novo capitalismo moderno: “Usamos a palavra “capitalismo” hoje como se o significado fosse evidente, ou como se viesse de Marx, mas esse descaso precisa ser deixado de lado. “Capitalismo” era uma palavra própria de Weber e ele a definiu do modo como achou mais adequado. Seu significado mais geral era simplesmente a modernidade em si: capitalismo era “o poder mais fatídico de nossa vida moderna [...] Essa “ética” moderna ou código de valores não se parecia com nada do que havia antes [...] A situação moderna foi o produto da adesão mesquinha à função particular de cada um sob um conjunto de condições em que a tentativa de entender a modernidade como um todo foi abandonada pela maior parte das pessoas. Como resultado, elas não estavam em controle de seu próprio destino, mas eram governadas por um conjunto de procedimentos racionais e impessoais que ele comparou com uma gaiola de ferro, ou “moradia de aço”.”.

para finalmente desvendar e desenrolar o “nó górdio” interpretativo fomentando tanto por comentadores e adeptos do autor, quanto por seus mais severos críticos, sendo possível vislumbrar em alguns uma redução drástica do seu pensamento.

Essa investigação Weberiana se torna tanto mais complexa e profunda quanto mais difícil de compreensão e exposição. Por isso, a mudança da chave analítica nevrálgica que aqui propomos, acaba resvalando e afetando diretamente duas correntes de pensamentos acerca do que Weber estava expondo: a primeira, é a posição que critica o autor afirmando que ele entende que o protestantismo fundou o capitalismo, o que é negado pelo próprio autor, como já retromencionado, citando-o diretamente. A segunda, é a crítica de que Weber teria invertido as causas das relações sociais, trocando a econômica pela cultural¹⁹, sendo, desta maneira, um “reducionista” ao levar mais em conta os fatores culturais do que os econômicos ou políticos, o que também é uma interpretação tortuosa, como demonstraremos ao retornar novamente a palavra a Weber:

Seria, todavia, necessário investigar mais adiante, a maneira pela qual a ascese protestante foi por sua vez influenciada em seu desenvolvimento e caráter pela totalidade das condições sócias, especialmente pelas econômicas. (...) não se pode pensar em substituir uma interpretação materialística unilateral por uma igualmente bitolada interpretação causal da cultura e da história. Ambos são igualmente viáveis, mas qualquer uma delas, se não servir de introdução, mas sim de conclusão, de muito pouco serve no interesse da verdade histórica. (WEBER, 2004, p.132).

Com esta citação, o que está sendo revelado é que Weber nunca quis colocar o fator cultural como predominante nas relações sociais, muito menos retirar a importância dos demais fatores, ao contrário, ele afirma que não há como dar essa relevância a um só elemento da realidade, pois, qualquer que fosse ele, esse movimento se configuraria como uma análise “unilateral” da realidade. O ponto é que cada fenômeno social tem a sua intervenção na realidade, porém, para Weber, só podem ser dados como uma “introdução” para a reflexão do mundo social. No livro sobre a “ética protestante” ele está fazendo uma interpretação de apenas um destes fatores, a cultura da religião, como explicita o comentador Martins (1982, p. 68): “Este seu trabalho jamais teve a intenção de afirmar, como interpretaram erroneamente alguns de seus críticos, que a causa explicativa do capitalismo era a ética protestante, ou que os fenômenos culturais explicariam a vida econômica. Sua pesquisa apenas procurou assinalar que uma das causas do capitalismo, ao lado de outras, como os fatores políticos e

¹⁹ Quanto à relevância da questão econômica em Weber, basta lembrarmos qual papel ele atribuiu a ela na constituição de outro fenômeno à parte, o “racionalismo ocidental”: “Toda tentativa de explicação do racionalismo ocidental deve levar em consideração antes de qualquer outra coisa as condições econômicas” (WEBER apud LÖWY, 2014, p.23).

tecnológicos, foi a ética de algumas seitas protestantes.”.

Porém, é ainda mais complexo do que nos explica Martins (1982), já que ele afirma que a ética protestante para Weber seria apenas uma das “causas do capitalismo”, mas, apesar disso se aproximar do que é de fato dito por Weber, ainda esbarra no fato de que não é simplesmente uma das “causas” do capitalismo, pois, como já explicitamos, Weber indica que o capitalismo já existia antes desse fenômeno cultural. Então, a interpretação mais precisa é a de que a “ética protestante” não é, em Weber, uma das “causas” do capitalismo, mas um dos fenômenos que ajudaram a desenvolver o “novo” capitalismo moderno, mais “avançado” do que os anteriores. Esta é a questão central para o autor creditar ao protestantismo ser um dos aspectos fundamentais que serviram para que os EUA estivessem crescendo tanto e se tornando um dos maiores países em termos econômicos e políticos²⁰. Ressalte-se que falamos em “um dos aspectos” determinantes, não o único, ou exclusivo, pois o autor, com o seu “culturalismo”, não afirmava que apenas um único fator determinaria os rumos da história. O que há no livro “A ética protestante...” é um recorte analítico sociológico que visa a encontrar somente uma das possíveis determinações fundamentais entre as múltiplas existentes na concreticidade que interagem para o crescimento econômico, social e político de uma sociedade.

Nesta gama, teremos de divergir dos comentários críticos dirigidos a Weber sobre essa relação de causalidade entre cultura e capitalismo, feitos por Lukács na obra “A Destruição da Razão”, por mais que consideremos o húngaro como um dos mais fecundos pensadores da tradição marxista. Vamos ver em que termos ele aborda o tema²¹:

²⁰ “Houve reclamações acerca de uma peculiar espécie de busca de lucro por meio do cálculo na Nova Inglaterra (EUA), distinta de outras partes da América, ainda em 1632. É ainda mais inquestionável que o capitalismo restou bem menos desenvolvido em algumas colônias vizinhas, que viriam a ser os estados sulistas dos Estados Unidos da América.” (WEBER, 2016, p.56).

²¹ É importante contextualizar essa obra de Lukács, de onde retiramos a citação “A destruição da Razão”, pois, nela, ele faz uma análise crítica imanente de mais de dezenas de autores, portanto, seria impossível realizar esse procedimento se não houvesse uma sintetização, sistematização e, até mesmo, redução do pensamento de alguns destes autores. Ainda assim, recorremos a ela com constância, primeiro, pois consideramos, no todo, que ela seja de fundamental importância para a compreensão do fenômeno do aniquilamento da razão. Segundo, pois nesta obra ele exprime diretamente essa crítica duríssima a Weber que nos serve perfeitamente de exemplo para conseguirmos avançar na superação de erros interpretativos pontuais. Existem, sim, outras passagens de outros textos, de épocas anteriores, em que Lukács fez análises mais sofisticadas acerca de Max Weber, mas, mesmo nestas, ainda não conseguimos encontrar acordo com a interpretação que pretendemos erigir e expor. Lembremos, para efeito de melhor exposição, que Lukács utiliza um procedimento analítico que se aprofunda não só no que está escrito nas obras em que ele analisa, mas, também, no contexto histórico em que está inserida a obra e o seu autor, além de confrontar o que está escrito com a realidade concreta para tirar o saldo final e conclusivo acerca da validade ou não das teses avaliadas, ou seja, mesmo sendo denominado por muitos como o teórico da “imanência”, Lukács não fica restrito a fazer uma leitura imanente dos textos. Por isso, em vários momentos, o leitor de Lukács pode crer que ele não compreendeu exatamente a obra que está comentando, pois ele nos demonstra o saldo do confronto do que ele leu com a realidade, por exemplo, Weber e Durkheim escrevem sobre a necessária neutralidade para que haja ciência na Sociologia, se nós partirmos de um modelo

Os desdobramentos argumentativos de Max Weber conduzem sempre à tendência de conferir cada vez mais aos fenômenos ideológicos (religiosos) um desenvolvimento “imane” e endógeno, e graças a essa tendência, esses fenômenos acabam sempre por adquirir prioridade causal sobre o processo como um todo. [...] O ponto de partida de Weber, como vimos, é a inter-relação entre ética econômica das religiões e as formações econômicas, mediante o que ele postula a prioridade fática dos motivos religiosos. Seu problema é esclarecer por que o capitalismo surgiu apenas na Europa [...] Weber procura apreender a essência específica do capitalismo e relacionar seu surgimento na Europa com as diferenças entre o desenvolvimento ético-religioso do Oriente e do Ocidente. (LUKÁCS, 2020, p.524-525).

Como vimos durante este artigo, para que a crítica seja mais acurada, é preciso girar a chave analítica. É possível considerar, como o fez Lukács, nesta passagem citada, que a questão central para Weber era a tentativa equivocada de colocar o Ocidente e a religião protestante como fundamentos de uma cultura e de um “desenvolvimento” capitalista

Lukácsiano, diremos que ambos os autores são extremamente políticos, embora escrevam que não e nos textos esteja dito o contrário, isso se daria pelo simples fato de na confrontação com a realidade e com a vida de ambos, constataríamos que não há neutralidade nenhuma, nem política, nem científica ou do que quer que seja, contrariaríamos, desta forma, o que está escrito por ambos e quem fosse analisar a nossa crítica, poderia supor que não sabemos ou não lemos os temas que tratamos. Vejamos mais precisamente como Lukács traduz essa forma de procedimento que une dialeticamente tanto uma análise imanente de textos quanto a correlação da gênese social e do contexto histórico em que estão inseridos: “A História da Filosofia, assim como a da arte e a da literatura, nunca é – como acreditam seus historiadores burgueses – simplesmente a história das ideias filosóficas ou das personalidades que as sustentam. Tanto os problemas quanto as vias de resolução são colocados à filosofia pelo desenvolvimento das forças produtivas, pelo desenvolvimento social, pelo desdobramento das lutas de classe. [...] Quando se pretende estabelecer e compreender as conexões dos problemas filosóficos a partir do assim chamado desenvolvimento imanente da filosofia, chega-se necessariamente à distorção idealista das suas principais conexões, mesmo quando existe por parte dos historiadores o conhecimento necessário ou quando há neles, subjetivamente, a maior boa vontade e empenho para com a objetividade. [...] É precisamente o caminho que, partindo da vida social, conduz novamente a ela, aquele que confere ao pensamento filosófico a envergadura que lhe é própria e determina sua profundidade, mesmo no sentido estritamente filosófico. Ademais, trata-se de questão inteiramente secundária saber até que ponto cada pensador está consciente dessa sua posição, dessa sua função histórico-social. [...] Mas também acreditamos, convém acrescentar, que subestimar os elementos ideológicos seria no mínimo igualmente perigoso, tampouco corresponderia à realidade. Esses pontos de vista determinam nosso modo de abordar o tema. De importância primordial, sobretudo quanto à seleção da matéria, são a gênese e a função social. [...] Até mesmo porque a própria razão não é algo que paira acima do desenvolvimento social de modo apartidário e neutro; pelo contrário, ela reflete sempre a racionalidade (ou irracionalidade) concreta de uma dada situação social, de uma dada direção do desenvolvimento histórico e, ao lhe dar clareza conceitual, promove ou retarda esse desenvolvimento. Essa determinação social dos conteúdos e das formas da razão não implica um relativismo histórico. [...] Revelar essa gênese e função é de grande importância; mas, mesmo assim, isso ainda não é o suficiente. [...] Mas uma verdadeira crítica marxista-leninista da filosofia reacionária não pode parar por aqui. Antes, ela precisa apresentar concretamente – no próprio material filosófico – a falsidade filosófica, a distorção das questões filosóficas fundamentais, o aniquilamento de suas conquistas etc. como consequências necessárias, objetivamente filosóficas, de tais posicionamentos. Nesse sentido, a crítica imanente é um elemento legítimo e até indispensável para a exposição e o desmascaramento das tendências reacionárias na filosofia. Assim também o fizeram os próprios clássicos do marxismo, tal como Engels no Anti-Dühring ou como Lênin no Empiricriticismo. A recusa da crítica imanente como elemento de uma exposição global, que seja capaz de abarcar simultaneamente gênese e função social, característica de classes, desmascaramento social etc. deve conduzir necessariamente a um sectarismo na filosofia, pois leva a uma concepção de que tudo o que pode parecer claro e óbvio a um marxista-leninista consciente também deve parecer claro a seus leitores, sem necessidade de provas.” (LUKÁCS, 2020, p.9-10-11).

“superiores” aos do Oriente²². Porém, para operar essa crítica com precisão, não se deve reduzir o pensamento Weberiano, tem que se galgar um grau mais íntimo com as teses criticadas, superando as ideias de que Weber teria colocado uma prioridade ontológica para as questões culturais sobre as econômicas e que para ele o capitalismo só existiria no Ocidente, ambas formulações já contrapostas por nós aqui.

Os embaraços das formulações de Max Weber, nesta temática, encontram foro em epistemologias complexas, porém, que não refletem o produto social da realidade, como vimos: o anacronismo extensivo que o leva para uma interpretação de tempo-espaco deslocada do real em sua plenitude; o subjetivismo “irracionalista” que ataca e reduz a razão e a capacidade de apreensão do objeto pelo sujeito; a falta de uma crítica da economia política que o faz reproduzir por “osmose” a economia burguesa “vulgar”; a fragmentação total e a especialização do conhecimento que são próprios da Sociologia²³ e que o levaram a não considerar a totalidade como categoria imprescindível de análise, repartindo os fenômenos sociais como se fossem algum material analisado em um laboratório por microscópio. O mesmo laboratório que, diante de todos esses postulados rasos misturados, permitiu a emergência da criação de um “Frankenstein Sociológico”, uma verdadeira criatura digna de uma literatura do “horror” ou “terror”, uma metodologia que permitiu o ocidentalismo perverso, uma “ode” e culto ao Ocidente e às suas formas culturais, sistemas socioeconômicos e as suas mais diversas formas sociais derivadas, a política, o direito, as religiões, etc. Enquanto sensação de pertencimento a uma cultura “superior”, os últimos séculos foram recheados de genocídios.

De forma alguma isso pode ser creditado ao autor central da nossa análise (a problemática é muito mais profunda, não recairemos no mesmo erro de analisar isoladamente, tão somente, essa questão cultural ideológica), mas, as suas teses, serviram de fomento teórico e “ideológico” para uma cultura de supremacia que estava sendo composta por mais de uma

²² Neste aspecto, as críticas de Lukács (2020, p.525) dirigidas a Weber foram muito pertinentes: “A essência do capitalismo é vista a partir da ideia da racionalização da vida socioeconômica, da subsunção de todo fenômeno à calculabilidade racional. E assim Weber esboça uma história mundial da religião a fim de mostrar que apenas o protestantismo (e no interior dele sobretudo as seitas) possui uma ideologia capaz de ir ao encontro dessa racionalização e promovê-la, ao passo que todas as religiões antigas e orientais produziram uma ética econômica que constituiu um elemento inibidor da racionalização da vida cotidiana”. Essa questão se encontra demasiadamente exposta em Weber (2016, p.227-228): “De acordo com isso, a principal obra de Baxter é dominada pela pregação, frequentemente quase apaixonada e continuamente repetida, do trabalho duro e contínuo, seja material ou físico. Isso se deve a uma combinação de dois motivos. O trabalho é por um lado, uma técnica ascética aprovada, como sempre tem sido na Igreja ocidental, em acentuado contraste não só com o Oriente [...]”

²³ “[...] a nova ciência do período da decadência, a sociologia como ciência própria, vem do desejo dos ideólogos burgueses de conhecer a legalidade e a história do desenvolvimento social separadas da economia.” (LUKÁCS, 2016, p.113).

outra centenas de autores no mesmo período, uma convergência de decadências ideológicas que custou muito para a humanidade, principalmente nos casos das barbáries produzidas pelo Ocidente nos séculos XIX e XX. A própria Alemanha, ao participar de desastres globais, foi derrotada em duas oportunidades. A criatura se virou contra o próprio criador, ao mesmo estilo do personagem de Mary Shelley e da sua literatura gótica. O cientista social, Max Weber, ao dar vida à uma criatura inanimada, estruturando e sistematizando com proeza e sucesso sem igual o “tipo ideal” da Sociologia, fragmentada, idealista e desfigurada semelhante ao “ente” confeccionado por Victor, o Frankenstein, o “ser” que era “ser” e “não ser” ao mesmo tempo, e que se revoltou contra o seu criador, buscando vingança por ter sido posto no mundo (sofrendo todos os tipos de preconceitos). Esse “ser” que “existe” e consegue adquirir vida como os humanos, é, paradoxalmente, esvaziado de conteúdo e substância, de “espírito”, igualmente à Sociologia especializada, que retira a “alma” da realidade social, que é o seu movimento processual totalizante. Eis a mais nova invenção “científica” moderna, o Frankenstein Sociológico, criatura que habita nas Universidades ocidentais ainda no século XXI, e não podemos deixar de observá-la com a mesma “cólera” que Victor Frankenstein teve ao avistar a sua “criatura” pela primeira vez.

Neste giro, a religião desvencilhada dos outros fatores, analisada isoladamente²⁴, findou por deixar Weber refém da atomização do conhecimento e perder de vista os movimentos da generalidade que fizeram países crescerem subjugando outros (com esse descarte da totalidade, perdeu-se o rastro do *quantum* que a religião condicionava a realidade²⁵, pois só se pode encontrar essa noção analisando os fenômenos conjuntamente, o que acabou engendrando um superdimensionamento do fator “protestantismo” de forma inconsciente, além de perder de vista a possibilidade de compreender um novo momento dos fenômenos que só pode ser captado pela síntese das múltiplas determinações da realidade. Analisando eles ao mesmo tempo, por exemplo, encontra-se o momento em que se interpassam na realidade, criando um terceiro momento que envolve os fatores anteriores e se expressa como o seu produto inédito que não aparece na investigação que separa os fatores e vai investigando-os de maneira apartada), mesmo ele não dando, conscientemente, primazia ao que analisava separadamente, o exercício do isolamento das formas sociais cria abstratamente uma relação de equivalência entre elas, como se a totalidade material fosse

²⁴ “Mas, para os protestantes, como é indicado pela inegável diferença das características econômicas da Nova Inglaterra puritana em relação às colônias católicas de Maryland, do sul episcopal, e da ecumênica Rhode Island, a influência de sua crença religiosa atua como fato independente de forma muito clara” (WEBER, 2016, p.46).

²⁵ “[...] a filosofia neokantiana ensinou a Max Weber outra coisa, a saber [...] a igualdade formal de todos os fenômenos sociais, a equivalência interior de todas as forças sociais” (LUKACS, 2016, p.114-115).

estanque e não processual em pleno movimento contraditório em que, por vezes, um elemento seja mais predominante que o outro em determinadas condições históricas, mesmo que todos os fatores estejam entrelaçados e se influenciando em interdependência. Ao cortar a realidade em pedaços, a investigação sobre o fenômeno religioso se torna formalista. Por isso, a noção de conjunto é imprescindível para apreender tanto os fatores por si mesmos, como, também, as suas interações, pois, a soma das partes é maior que o todo, e só é possível captar isto através da totalidade:

Por isso, para encaminhar uma solução para os problemas, o ser humano precisa ter uma certa visão de conjunto deles: é a partir da visão do conjunto que podemos avaliar a dimensão de cada elemento do quadro. [...] A totalidade é mais do que a soma das partes que a constituem. No trabalho, por exemplo, dez pessoas bem entrosadas produzem mais do que a soma das produções individuais de cada uma delas, isoladamente considerada. Na maneira de se articularem e de constituírem uma totalidade, os elementos individuais assumem características que não teriam, caso permanecessem fora do conjunto. (KONDER, Leandro, 2008, p.35-36).

Enquadrando mais precisamente a perspectiva Weberiana e as insuficiências teóricas engendradas por ela, poderemos, com maior potencialidade, esboçar a própria crítica ao Eurocentrismo e Ocidentalismo do autor na medida correta, derivada de uma metodologia fragilizada e não de uma “má-fé” deliberada de sua parte. Apesar de ser inevitável a exposição dessa acepção esdrúxula de Weber, pois ele mesmo faz questão de elencar na introdução do “A ética protestante e o espírito do capitalismo” que o Ocidente é racionalizado em todos os âmbitos e o Oriente não, ele acredita em uma “superioridade” sistemática e racional do Ocidente nessas searas: Filosofia, Teologia, Matemática, Geometria, Astronomia, Mecânica, Física, Química, Bioquímica, Biologia, Direito, História, Pintura, Música, Arquitetura, Literatura, Funcionalismo Público, Universidades, Imprensa, Grupos Sociais e políticos. Quando Weber cita todos esses exemplos, visualizamos várias pitadas de Eurocentrismo. A face oculta do ocidentalismo grotesco que permeia a sua metodologia é manifestada ao leitor notoriamente no início do livro:

Alguém que seja produto da moderna civilização europeia, ao estudar qualquer problema da História universal, estará sujeito a indagar a si próprio sobre a combinação de circunstâncias a que deveria ser atribuído o fato de que na civilização ocidental, somente na civilização ocidental, surgiram fenômenos culturais que repousam em uma linha de desenvolvimento que possui significância universal. Apenas no Ocidente a ciência existe em um estágio tal de desenvolvimento que reconhecemos atualmente como válido. (WEBER, 2016, p.13).

Ousando ir mais adiante do que as inferências desacertadas de que as causas do triunfo de todos esses elementos (como a ciência trazida na citação anterior) no Ocidente se deu por derivação de uma racionalização (conceituada fragilmente) atrelada a uma suposta religião, Weber, avança e escancara de uma vez por todas, o seu “irracionalismo”, quando furtivamente, sem muitas pretensões, solta algumas pistas sobre o que pensa acerca das questões biológicas, raciais e psicológicas entre os diferentes povos, a partir das pequenas amostras que nos repassa, a verborragia começa a saltar aos olhos com muita obstinação. Em um estilo caricatural, o autor ainda coloca em aberto que só não avança na discussão sobre esses assuntos, pois não havia ainda em seu tempo os estudos antropológicos, biológicos e psicológicos que pudessem fundamentar melhor essas teses iniciais, mas, acreditava que certamente, no futuro, essas suas postulações poderiam ser de forma mais adequada, comprovadas. São indícios de uma cultura Sociológica que deveria ter sido combatida na Alemanha ainda no início do século XX. Vamos acompanhar com cautela os apontamentos do autor, para, também, não incorreremos em anacronismo histórico em relação a sua obra:

Finalmente, devemos fazer uma referência ao aspecto antropológico do problema. Quando encontramos repetidas vezes que, mesmo em esferas da vida que sejam constituídas aparentemente em independência mútua – certos tipos de racionalização desenvolveram-se no Ocidente, e apenas aí, seria natural supor que as razões mais importantes baseiam-se em diferenças hereditárias. O autor admite que é inclinado a tomar em grande conta as diferenças biológicas hereditárias. [...] Deve ser uma das tarefas da investigação sociológica e histórica, antes de tudo, analisar todas as influências e as relações causais que possam ser explicadas satisfatoriamente em termos de reações às condições ambientais. Só então, e quando a psicologia e a neurologia raciais comparativas tiverem avançado para além de seus presentes esforços iniciais, que são de várias formas bastante promissoras, poderemos ter esperança na probabilidade de uma resposta satisfatória ao problema. (WEBER, 2016, p.28-29).

Devemos salientar, para sermos justos, patentemente que, no “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, essas projeções desairosas e anticientíficas não passaram de duas páginas (contudo, infelizmente, tanto as teses Weberianas quanto as do positivismo foram utilizadas à revelia da imanência dos textos de Auguste Comte (1798- 1857) e Max Weber e fundamentaram, em larga escala, as teorias insidiosas do “racismo científico”, especialmente no Brasil, no final do século XIX e no século XX. Podemos relembrar, no caso do positivismo, das desastrosas teorias do “embranquecimento” de Silvio Romero (1851-1914) e de Oliveira Viana (1883-1951). Já como derivação tortuosa do Weberianismo²⁶, tivemos

²⁶ Assinalamos como reinterpretações “tortuosas”, pelo fato de Max Weber ter tentado se desvencilhar de derivações xenóforas e racialistas, conscientemente, em Weber (2016, p.83), embora, em termos metodológicos

Gilberto Freyre (1900-1987) e Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), nesses dois últimos, a questão se dá por conceitos mais ocultos e, por conta dessa maior complexidade, recomendamos, para deslindar isso, a leitura de Souza²⁷) tendo em vista que o autor da obra considerava que, supostamente, a ciência do seu tempo ainda não tinha evoluído para que se pudesse consubstanciar mais robustamente essas teses. Neste caso, reputamos ter sido de bom grado a restrição a esse debate por parte de Weber, pois, se ele aprofundasse essa visão “deturpada” ao decorrer do livro, seria vexaminosa a realização de um quadro comparativo entre o Ocidente e o Oriente, afirmando que elementos biológicos, raciais e psicológicos seriam causais para o desenvolvimento maior do “racionalismo” no Ocidente do que no Oriente, tal qual ele o fez em quadro comparativo entre as diversas religiões do mundo para deduzir esse mesmo resultado. Se pudéssemos aconselhar o autor, diríamos que seria melhor ele nem ter começado a esboçar nada relacionado com o tema da citação anterior ou correria sério risco de produzir uma condição de causa e efeito natimorta no seu livro. Ele poderia e, talvez, deveria, ter usado o seu próprio conselho contra a “tagarelice” e evitado demonstrar uma peça de pensamento não só eurocêntrico, como racalista. Melhor seria ter focado no seu “objeto”: “Mas o estudioso fará bem em guardar os seus pequenos comentários pessoais para si mesmo [...] Na maior parte dos outros casos, a volumosa tagarelice em relação à intuição não faz mais que disfarçar uma fatal de perspectiva focada no objeto” (WEBER, 2016, p.27).

e teóricos, as suas teses tenham aberto e deixado espaço para esse tipo de interpretação de mundo que enxerga culturas “raciocinais” e “irracionais”, “superiores” e “inferiores” e quadros comparativos qualitativos entre religiosidades e suas influências na produção de um sistema mais “desenvolvido” e “racional”. Por mais que, a sua ideia de “racionalismo” seja mais estreita e direcionada ao “estilo” de vida burguês e não à *ratio*, *Lato Sensu*, enquanto possibilidade de apreensão da realidade, e nem mesmo ao “racionalismo” conhecido como ramo filosófico que constituiu uma doutrina teórica por muitos séculos.

²⁷ (SOUZA, Jessé. 2014). Aproveitamos para citar duas passagens dele (a despeito de discordamos de praticamente todas as obras desse autor, achamos de grande valia a sua crítica no que concerne à situação levantada aqui e, em especial, a sua análise e crítica acerca da categoria do “patrimonialismo” utilizada por Freyre e Holanda), para não deixar o ponto totalmente em aberto aqui: “Como essa oposição é criada e legitimada “cientificamente” e o que isso tem de ver com a obra weberiana? Max Weber oferece os conceitos centrais por meio dos quais foram pensados e tornados vida prática essa divisão racista entre “gente” superior, das sociedades avançadas, e “sub-gente” inferior, das sociedades latino-americanas e periféricas. Mais que isso. Max Weber é uma espécie de “chave mestra” que nos permite abrir o registro profundo desse “racismo científico” amplamente dominante em todo lugar, ainda que até hoje inarticulado, mas, por isso mesmo, “naturalizado” e aceito por todos seja na esfera científica seja na esfera prática e cotidiana de todas as sociedades modernas” (SOUZA, 2014, p.37). E, em específico, sobre os autores citados: “Na impossibilidade de tratar de todo os elementos que explicam essa conexão irei escolher os mais representativos e importantes de modo a tornar convincente e plausível meu argumento. Tomemos então três obras representativas que reproduzem com fidelidade o que acabamos de dizer: as obras de Talcott Parsons – o mais importante sociólogo americano do século XX – nos Estados Unidos e as obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque – os fundadores da moderna sociologia brasileira – no Brasil. [...] O conceito central dessa versão hoje ainda dominante foi e é o conceito de “patrimonialismo”, retirado de modo a-histórico e sem rigor analítico da obra weberiana como iremos ver em maior detalhe a seguir. Ambas as construções são como imagens no espelho de uma e outra. À construção do predomínio do “primitivo”, “pessoal” e “corrupto”, como marcas da sociedade patrimonialista, temos a afirmação da “modernidade”, “impessoalidade” e “confiança” típicas das sociedades centrais.” (SOUZA, 2014, p.37-38).

Ademais, a posição de Weber sobre o “imperialismo” é completamente controversa²⁸, porquanto, apesar das críticas que ele fez ao fenômeno, considerou-o como inevitável no mundo em desenvolvimento do século XX (como quase tudo o que emergia no capitalismo “moderno”, desde a “burocracia” até uso da dominação “legitimada” tanto política pelos órgãos públicos quanto econômica nas hierarquizações das empresas burocráticas²⁹, eram vistas como fenômenos insuperáveis por nosso pensador “pessimista”, preso em sua própria “jaula de aço” anunciava o “novo” sistema como o “fim da história” moderna) e, com o seu nacionalismo, apoiava politicamente que a Alemanha conseguisse se alçar a essa posição imperialista e de potência econômica externa³⁰ ao passo que defendia uma “democracia” interna³¹. Será que a suposta “neutralidade” axiológica do autor de “Ciência como vocação” não teria se diluído em favor das suas posições políticas para o seu próprio país, deixando escapar, assim, elementos de exploração e dominação internacionais fundamentais para compreender o fato de outros países estarem se “desenvolvendo” e a Alemanha não na mesma medida?

Não há como afirmar, mas, de toda sorte, a tentativa de alcançar uma posição imperialista por Alemanha, Itália e Japão, pela via “prussiana” de desenvolvimento do capitalismo, levou a humanidade à segunda guerra mundial (1939-1945), uma das maiores catástrofes da história. Temos a intuição de que Weber poderia ter previsto algo do tipo antes

²⁸ “Apenas um povo politicamente maduro é um povo “senhorial” ... Só os povos senhoriais possuem a vocação de intervir no mecanismo do desenvolvimento mundial.” (WEBER apud LUKÁCS, 2020, p.528). Ver também: “Aqui fica claro qual a fonte do democratismo de Max Weber: ele compartilha com outros imperialistas alemães da concepção de uma missão política universal (colonizadora) dos “povos senhoriais.” (LUKÁCS, 2020, p.528).

²⁹ “O tipo de dominação com que contam essas instituições, no caso analisado, é o tipo mais “puro” da “dominação racional-legal”, e isso independe absolutamente se se toma como parâmetro real algum órgão público ou privado. Em uma definição tão simples quanto elucidativa, segundo o próprio Weber (1966, p. 26 – grifos nossos): “A administração burocrática significa, fundamentalmente, o exercício da dominação baseado no saber”. Até aqui, diante das informações apresentadas, interessa-nos inicialmente dar relevância ao fato de que a burocracia é, portanto, a um só tempo, um modo de administração e de dominação. [...] No entanto, esses especialistas, apesar de serem parte fundamental no tipo de dominação burocrática, não são o fundamento último dessa, mas intermediários. Ao passo que os funcionários especializados põem em movimento um aparelho que encontra obediência das massas, eles próprios são submetidos a uma minoria dirigente, a qual encontra igual obediência por sua parte. Por isso, o empresário capitalista é o único, nas sociedades modernas, capaz de manter-se “relativamente imune” àquele tipo de dominação (WEBER, 1966). Sendo membro da cúpula dirigente, não deve obediência imediata a ninguém na estrutura hierárquica (privada) da qual faz parte, mas, antes, encontra obediência de um sem número de subordinados, os quais a ele devem obediência.” (CARVALHO, 2008, p.28).

³⁰ “Em vista das concepções de Max Weber expostas até aqui, compreende-se perfeitamente tal ponto de vista: caso fosse viável tudo aquilo que ele deseja para a Alemanha, isso não poderia afetar em nada o seu julgamento fundamental sobre a realidade social; a seu ver, a democratização da Alemanha é apenas uma medida técnica para o melhor funcionamento do imperialismo.” (LUKÁCS, 2020, p.536).

³¹ “Na sua opinião, a Alemanha, assim como a Inglaterra e a França, só pode chegar aos “povos senhoriais” pela via da democracia. Por isso, para a realização das finalidades imperialistas da Alemanha, é preciso que se implemente uma democratização interna, e que essa implementação seja radical o suficiente para possibilitar tal finalidade. [...] É verdade que esse democratismo de Weber apresenta nuances muito particulares em virtude de seu fundamento imperialista.” (Ibidem, p.528-529).

de morrer, em 1920, se enxergasse as causas mais condicionantes para o desenvolvimento das nações do que o “calvinismo”, como foi o caso do colonialismo do início do capitalismo, das revoluções burguesas, do imperialismo do século XIX, do próprio governo de Otto von Bismarck na Prússia (antiga Alemanha, antes da unificação geral) autoritário e nacionalista, o “chanceler de ferro” conduziu o desenvolvimento das forças produtivas às duras penas para tentar fazer da Prússia uma potência mundial, o protestantismo não foi o fundamento geral deste processo, com o qual o próprio Weber contribuiu na ajuda de formulações de políticas públicas, embora tenha feito críticas ao governo acerca da questão democrática e à “debilidade” da burguesia alemã em não conseguir transformar o país por intermédio de uma democracia liberal e, por derradeiro, a primeira guerra mundial (1914-1918) da qual ele participou ativamente nos quartéis dando palestras motivacionais nacionalistas, incentivando a “moral” dos militares e ainda auxiliou aos alemães na participação no Tratado de Versalhes, assinado pelos países envolvidos em 28 de junho de 1919 findando oficialmente a guerra. Portanto, a situação das guerras internacionais pela conquista de territórios foram vistas e vividas concretamente por Weber, deram-lhe exemplos abundantes desta disputa pela partilha do espólio mundial. Somente uma concepção idealista de mundo poderia ocultar o enorme destaque do funcionamento integrado da geopolítica e da expansão do capital, transformando-os formalmente em “fatores” equivalentes (“pontos de partida”) à uma doutrina religiosa específica que não abarcava nem um terço do globo terrestre à época.

Além de todas essas situações concretas, basta termos em mente que as teses sobre o conteúdo predatório do colonialismo e do imperialismo já estavam muito aprofundadas em seu contexto histórico e, inclusive, o próprio Weber as conhecia, mas, parece não ter dado a devida importância para condicionantes tão relevantes na constituição e no desenvolvimento dos países centrais do capitalismo “moderno”. Tanto conhecia, como escreveu sobre a “pilhagem” que acontecia nos tempos antigos, do capitalismo “irracional”, só não conseguimos compreender onde e quando houve o instante de ruptura dessas “práticas” entre o capitalismo “irracional” e o “racional” moderno e ocidentalizado, em verdade, não existiu descontinuidade e o processo imperialista se elevou num grau ainda mais intenso no decorrer da estruturação internacional do capitalismo. Vejamos como Weber entendia essa questão no capitalismo de tempos de outrora, “irracional”:

Com exceção do comércio e das transações de crédito e bancárias, suas atividades eram predominantemente de um caráter irracional e especulativo, ou dirigidas ao enriquecimento pela força, sobretudo aquele advindo da pilhagem, seja diretamente por meio da guerra ou na forma de uma contínua pilhagem fiscal exploratória sobre seus subjugados. [...] Mas,

nos tempos modernos, o Ocidente desenvolveu, em acréscimo a essa, uma forma muito peculiar de capitalismo que não surgiu em nenhum outro lugar: a organização capitalista racional do trabalho (formalmente) livre. (WEBER, 2016, p.21).

No limite, ele reconheceu o papel fundamental dessas questões, entretanto, inserindo-as muito mais nos “impérios” anteriores, do que no século XX. No seu tempo, ele vai buscando encontrar as “exceções” a essa “regra” histórica. Ele anuncia esse entendimento turvo em relação à própria Alemanha, como se ela comprovasse a existência destas “exceções” que solapariam a regra da expansão do capital e, novamente, assim como o fez com os EUA, acaba nutrindo uma imagética ilusória acerca da Alemanha, embora, neste caso, o “comércio interno” tenha lugar ao invés do “calvinismo”:

Pode-se estar inclinado a crer que, de modo geral, o surgimento e também a expansão de formações com caráter de grandes potências estejam sempre condicionados, em primeiro lugar, por fatores econômicos. Parece muito plausível a generalização da tese, de fato correta em alguns casos isolados, de que um tráfico de bens já existente e particularmente intenso em determinado âmbito constitua a condição prévia normal e também o motivo para uma unificação política. [...] No entanto, um exame mais detalhado revela, muitas vezes, que essa coincidência não é necessária e que a relação causal, de modo algum, é unívoca. No que se refere à Alemanha, por exemplo, ela somente chegou a constituir um território econômico unificado, isto é, um território cujos habitantes procuram vender os bens por eles produzidos, em primeiro lugar, no mercado próprio. [...] Mas a Alemanha está politicamente unificada, em contradição aos determinantes puramente econômicos. (WEBER, 1999, p.164-165).

Como discorremos neste artigo, Max Weber não despreza o “fator econômico”, por isso, no caso anterior, ele tenha dado relevância ao “mercado próprio”. Portanto, o superdimensionamento do calvinismo, enquanto fenômeno cultural na equação social Weberiana, ocorre involuntariamente, é uma impressão que a obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” repassa, porém, não pelos motivos que a crítica hegemonicamente aponta de uma suposta primazia do “fator cultural” inexorável no autor, mas, sim, pela descartabilidade da compreensão de totalidade operada por Weber.

O Sociólogo alemão acredita que a “especialização” é a fonte mais poderosa de apreensão do conhecimento e, por isso, no livro sobre o protestantismo, o fator cultural isolado ganha a dimensão de expressar um tipo ideal não correspondente às múltiplas determinações do mundo da concreticidade, e deixa à revelia outros elementos que nos fenômenos específicos analisados são até mais preponderantes para o “desenvolvimento” dos países investigados. A mesma imprecisão metodológica se sucedeu no fragmento do “Economia e Sociedade” que citamos, quando, trazendo à baila condicionamentos

econômicos e políticos, recorta a realidade completamente e ignora uma série de dados constitutivos da questão alemã que envolve uma geopolítica totalizante e reduz o fenômeno inteiro ao “desenvolvimento” do “mercado próprio” e à unificação política da Alemanha. Novamente o horizonte da totalidade desaparece, aliás, nunca comparece, e a resposta para a inserção da Alemanha nas relações internacionais pode ser vista pelos críticos como a primazia do “fator político” da unificação e do consumo interno.

Como ótimo Sociólogo, Weber vai galgando nas suas obras, apenas, como ele mesmo menciona: “um ponto de partida” e, neste procedimento, ele não consegue nunca dar a “largada”, pois perde o momento da correlação dos elementos que só pode ser encontrado na totalidade. Tanto na “A ética protestante” quanto no “economia e sociedade”, o que se expressa são parcialidades restritas, que desconfiguram e descaracterizam os vários conjuntos do “complexo de complexos” que é o mundo social, apresentando objetos irrealis fraturados. Contudo, não aprofundaremos, neste artigo, os aspectos mais particulares do “Economia e Sociedade” que extrapolem os temas delineados, também, no outro livro em análise, tendo em vista que o nosso objetivo central é expor as fragilidades analíticas que o “A ética Protestante” nos deixa como legado, causando uma distorção da realidade e superestimando completamente o calvinismo enquanto fundamento do alavanque e “desenvolvimento” de nações. E este saldo Weberiano é muito “caro” para a Sociologia da religião, acaso se pretenda compreender cientificamente o que o fenômeno do calvinismo, em justa medida, efetivamente condicionou no capitalismo “moderno”.

Em suma, o mais dramático da miscelânea, é que ao juntar as duas obras retromencionadas não se tem, ao menos, um quadro geral de pedaços que poderiam compor uma totalidade estática (já que como pedaços separados, não ganham o terceiro momento, que se realiza na unidade de diversos destes pedaços, uma espécie de *tertium datur*), o que se apresenta são conduções excludentes em pleno descompasso, o fundamento do desenvolvimento e expansão dos EUA não se toca com o da Alemanha.

Sinteticamente, também advertimos ao leitor que a noção de totalidade que é renunciada por Weber e que sinalizamos, não tem relação com a cobrança de que um autor escreva sobre todas as correlações sociais em uma única obra, pois, seria humanamente impossível, mas, que, durante o processo da sua investigação, consiga apreender o maior número de determinações da realidade e realize a exposição da pesquisa totalizante durante vários escritos. Podemos tomar como exemplo clássico a análise totalizante de Karl Marx acerca do capitalismo, desde o livro “Crítica a Filosofia do Direito de Hegel” de 1843 (em especial da sua “introdução”, artigo publicado em 1844), até o volume I do “O capital”,

publicado em 1867, e os volumes II e III publicados postumamente (Marx morreu em 1883). Durante todas essas décadas existe um contínuo, um compasso sem grandes rupturas epistemológicas, o que nos deixa a possibilidade de juntar todos os textos de Marx disponíveis e ter uma compreensão totalizante sobre o seu objeto de estudo, o capitalismo, justamente por causa desse procedimento que só podemos compreender toda a sua obra enquanto uma “síntese global de um complexo coordenado continuado”, pois Marx colheu na sua trajetória intelectual um “método” de apreensão saturante de conceitos, uma saturação de determinações que pudessem demonstrar a emergência do real em conceito com o máximo de elementos que a sua capacidade intelectual pudesse capturar, pois, caso contrário, somente acessaria uma “aparência” da realidade através de poucos fatores escolhidos antes mesmo da investigação, deixando escapar a sua “essência”, não alcançando o conteúdo do objeto concreto analisado. Weber faz o inverso do que fez Marx, delimita o seu objeto *a priori* (mesmo que negue esse procedimento nos inícios das duas obras aqui analisadas, é evidente a sua execução quando determina anteriormente o que vai estudar e quais são os limites que não pode ultrapassar: “[...] devemos, seguindo nosso método prévio”³²), idealmente, e escolhe apenas uma particularidade do fenômeno que vai observar, no caso em tela, a ética protestante e o “novo” capitalismo “racional”, visando a alcançar causalidades entre os dois, de tal sorte que, antes mesmo de ir pesquisar, a realidade já está distorcida por um tipo ideal alcançado, abstratamente, *a priori*, selecionando apenas um dos “pontos de partida”, ele não se dá ao trabalho de complementar a análise reunindo tudo que a realidade pode oferecer, mesmo que isso o levasse, como no caso de Marx, a ter que escrever milhares de páginas sobre o mesmo fenômeno (o capitalismo e todas as formas sociais que se derivam dele e são interdependentes numa totalidade: políticas, jurídicas, culturais, etc.) por décadas.

Qualquer autor de um texto acerca das relações sociais (retire-se aqui os escritos que são especificamente sobre teoria da natureza), sendo esse texto um recorte, ou seja, apenas um momento da totalidade, pelo fato de não haver como abarcar tudo num mesmo escrito, precisa conceber que esse texto só é um recorte no papel, pois, na realidade, o que se escreve é apenas um momento da totalidade social. Não se deve perder de vista a perspectiva de que o momento expresso no texto é parte de um processo muito maior e existe uma correlação deste momento com vários outros e que há influência tanto anterior ao fato recortado analisado, quanto do presente ao fato durante o momento da análise e, também, tendencial do futuro ao fato de acordo com as projeções tendenciais que a totalidade social abre como possibilidades

³² (WEBER, 2016, p.225).

de efetivação *a posteriori*. É disso que estamos tratando e, neste diapasão, Max Weber faz o oposto, ele recorta a realidade acreditando que aquele momento pode ser isolado não só no papel, mas, também, isolado na própria realidade, pois Weber aposta justamente na fragmentação da realidade que exigiria, por consequência, a especialização do conhecimento por parte dos cientistas sociais para que possam apreender de modo retalhado um fenômeno social supostamente recortado no mundo social. Elucubremos uma situação hipotética, ao estilo idealista, em que Weber estivesse vivenciando o nosso século XXI, imaginemos como ele iria investigar a situação da população carcerária brasileira e a norte-americana. De forma particularista identificaria “empiricamente” a questão racial predominante em ambos os países e faria um quadro comparativo meramente estatístico com os países da Europa ocidental. Podemos vislumbrar de antemão que tipo de disparate teórico emergiria desses procedimentos de recortes estatísticos sem levar em conta a questão da totalidade social que gerou esses dados.

Analogicamente, uma figura de linguagem banal pode exemplificar: não é possível compreender um prato em sua “essência” se não levarmos em consideração o horizonte de que o prato está dentro de uma cozinha que o influencia, que por sua vez está dentro de uma casa, de uma cidade, de um país, e tudo isso irá condicionar, em forma de correlação, na fundação e na expressão da substância do prato particularizado dentro dessa totalidade. Dentro do escopo metodológico Weberiano, só poderíamos apreender a “aparência” do prato em sua superficialidade expressa no imediato cotidiano, o prato por si mesmo. Portanto, o universal deve ser encontrado no particular e o particular no universal, num movimento dialético de totalidade. Na contramão desta compreensão, Weber visou a unir as partes de maneira separada, cada uma delas singularmente, para, só depois, ver se formavam um todo: “[...] mas deve ser gradualmente conformado a partir das partes singulares que são extraídas da realidade histórica para compô-lo.” (WEBER, 2016, p.49).

Considerações Finais

A “falência” do catolicismo no Ocidente era, para Weber, a expressão máxima do “racionalismo” na “ação social” dos indivíduos, pelo fato de estarem demolindo um modo de “ser” baseado numa “ética” comunitária, implodindo-a em favor de um novo “espírito” que se baseava na primazia do indivíduo sobre o ser social³³. Neste ponto, ele pensava que o

³³ “Weber estruturou sua perspectiva sociológica de compreensão da dinâmica capitalista: a) delimitou a distinção entre uma formação católica e outra protestante, em que a diferença estaria alocada na perspectiva de

catolicismo travava o desenvolvimento das forças produtivas e do capitalismo, por moldar pessoas com mentalidades que não reforçavam o *homo faber*. Já o protestantismo, em especial, ao estilo calvinista, focando nas questões já expostas, liberavam essas forças produtivas e destravavam o desenvolvimento do capitalismo³⁴, levando os EUA, por exemplo, ao apogeu do capital, já que se movimentava com um novo núcleo religioso adequado às suas pretensões produtivas, alcançando o denominado “racionalismo ocidental”, com atividades focadas em finalidades teleológicas norteadas pelo complexo-valorativo protestante que supostamente não se encontravam presentes, por exemplo, no complexo-valorativo cristão de tendência catolicista:

Por outro lado, é fato que os protestantes (especialmente certos ramos desse movimento que serão detalhadamente discutidos adiante), independentemente de figurarem como classe dominante ou dominada, como maioria ou minoria, apresentaram uma tendência especial ao desenvolvimento de um racionalismo econômico que não pode ser observado nos mesmos termos entre os católicos, nem em alguma das situações descritas anteriormente nem na sua situação oposta. Assim, deve-se buscar a principal explicação para essa diferença nos aspectos intrínsecos e permanentes de suas crenças religiosas. (WEBER, 2016, p. 35).

Esta “ética protestante” seria fundamental, inclusive, para a aceitação do sistema capitalista e das suas formas político-sociais de dominação³⁵, uma forma-ideológica para a aceitação, por parte da população, deste *status quo*, uma espécie de possibilidade de legitimação do poder político e econômico do capital, atraindo a “ética” para a ação dos próprios indivíduos e não apenas para uma estrutura social, mesmo que “voluntariamente” (BATISTA in WEBER, 2016, p.10). É imperioso salientar que, por parte de Weber, houve comparações em relação aos EUA, também, com países que adotavam prioritariamente religiões diferentes da protestante, entre as quais estavam presentes o budismo, o judaísmo, o

uma educação mais humanista (católica) em confronto com uma mais técnica (protestante).” (BATISTA in WEBER, 2016, p.8).

³⁴ Podemos mencionar, também, a correlação que Weber faz entre desenvolvimento do capitalismo nos países baixos (atual Holanda) e o calvinismo: “Até mesmo os espanhóis sabiam que a heresia (quer dizer, o calvinismo dos holandeses) promovia o comércio, o que coincide com a opinião que Sir William Petty expressou em sua discussão acerca das causas para o desenvolvimento capitalista dos Países Baixos. Gothein corretamente denominou a diáspora calvinista como terreno fértil do desenvolvimento da economia capitalista.” (WEBER, 2016, p.38).

³⁵ “A economia capitalista do presente é um cosmos imenso no qual o indivíduo é já nascido e que a ele se apresenta, pelo menos enquanto um indivíduo, como uma ordem de coisas inalterável na qual ele deve viver. Isso força o indivíduo, conforme ele esteja envolvido no sistema de relações mercantis, a adequar-se às normas de ação capitalistas. O fabricante que age contra essas normas durante longo prazo será inevitavelmente eliminado da cena econômica tanto quanto o trabalhador que não consegue ou se recusa a adequar-se a elas será jogado sem trabalho na rua. Portanto, o capitalismo atual, que se desenvolveu a ponto de dominar a vida econômica, educa e seleciona os sujeitos econômicos de que precisa por um processo de sobrevivência econômica dos mais bem adaptados.” (WEBER, 2016, p.55-56).

hinduísmo, o islamismo, etc. Isto demonstra que o protestantismo não era, em Weber, condição *sine qua non* para a existência do capitalismo, mas, apenas, um dos elementos culturais que ajudariam o seu maior “desenvolvimento” e “racionalização”.

Porém, é curioso observarmos as projeções de Weber sobre a China, que não tinha modulações protestantes: “Essa falta de uma religiosidade eticamente racional é, neste caso, primordial e parece ter influído, por sua vez, sobre a sempre saliente limitação do racionalismo de sua técnica”³⁶. Será que o “calvinismo” foi mesmo um processo cultural tão responsável assim pelo “desenvolvimento” e “racionalização” nos países capitalistas ou há uma superestimação desmedida do fenômeno por ter sido encarado isoladamente?³⁷ Investiguemos o século XXI: a China caminha para ser uma das maiores potências do mundo, “racionalizou” o seu processo produtivo como poucos, e conseguiu construir, provavelmente, o maior salto de crescimento e desenvolvimento³⁸ econômico da história da humanidade em

³⁶ (WEBER apud LUKÁCS, 2020, p.525-526).

³⁷ Esse tipo de superestimação da religião na análise sobre o sistema capitalista pode gerar um descolamento e mistificação da realidade social, perdendo-se os parâmetros da totalidade, das relações de produção e das suas diversas “formas sociais” derivadas que são inúmeras além do fator religioso, basta relembrarmos o caso de François Guizot (1787-1874), historiador francês, que acabou derrapando neste estilo de subterfúgio em relação ao concreto pensado para poder legitimar e justificar a “Monarquia de Julho” na França contra a revolução de 1848, comparando França e Inglaterra, dando uma grande proeminência à questão religiosa, como explicita (LUKÁCS, 2016, p.101-102): “Em vez de usar as diferenças entre o desenvolvimento agrário inglês e francês em relação ao capitalismo nascente enquanto chave para investigar as reais distinções entre as revoluções na Inglaterra e na França [...] Guizot projeta no interior do desenvolvimento inglês a supremacia de um elemento religioso e conservador, ignorando completamente a realidade histórica, a saber, acima de tudo, o caráter burguês da propriedade fundiária inglesa e a evolução específica do materialismo filosófico, do Iluminismo [...] Essa liquidação de todas as tentativas anteriores dos renomados ideólogos burgueses de compreender com destemor as forças motrizes reais da sociedade, ignorando as contradições descobertas, essa fuga para a pseudo-história ideologicamente ajustada, superficialmente concebida, subjetivística e misticamente distorcida, constitui a tendência geral da decadência ideológica”. Não seria estapafúrdio correlacionar tal empreitada de Guizot com a feita por Weber para explicar o “abrupto” desenvolvimento dos EUA, encaixando no fenômeno um tipo ideal mistificado, ou nos termos da já transcrita crítica de Lukács a Guizot: “pseudo-história ideologicamente ajustada, superficialmente concebida, subjetivística e misticamente distorcida”.

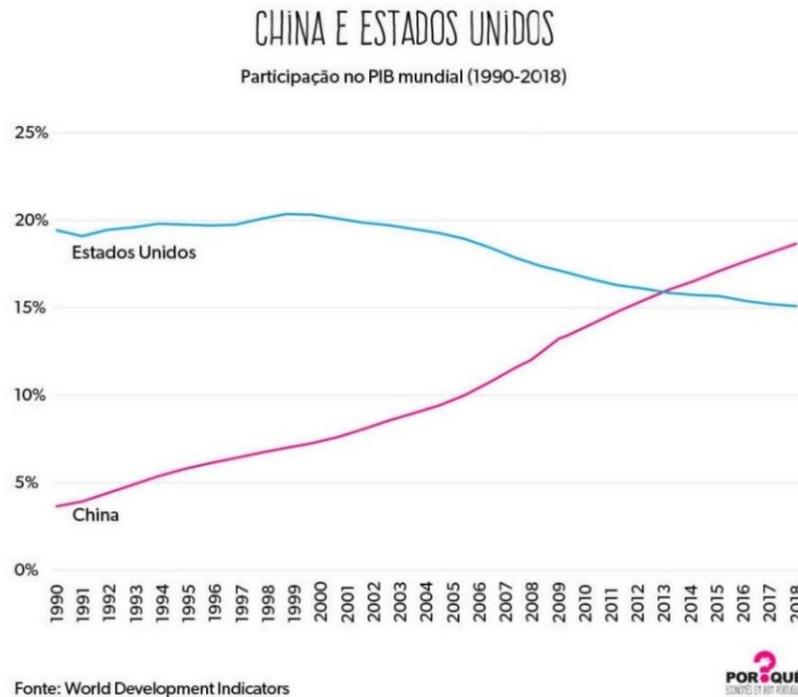
³⁸ Sobre o desenvolvimento da China, temos que levar em conta fatores mais complexos do que o simples crescimento econômico, alguns deles, referem-se ao fato deste país ter alcançado a sua meta de extinguir a extrema pobreza, retirando 850 milhões de pessoas da miséria extrema nas últimas décadas: “Durante esse período desolador, no final de fevereiro de 2021, o presidente da China, Xi Jinping, anunciou que – em oposição a essa crise global geral – que o país asiático erradicou a pobreza extrema. O que significa este anúncio? Como nossa equipe do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social relatou em uma recente publicação, isso significa que 850 milhões de pessoas saíram da pobreza absoluta (o fim de um processo de sete décadas que começou com a Revolução Chinesa de 1949), que a renda per capita aumentou para 10 mil dólares (um aumento de dez vezes nos últimos vinte anos), e a expectativa de vida aumentou para 77,3 anos em média (em comparação com 35 anos em 1949). Tendo cumprido os ODS de redução da pobreza com dez anos de antecedência, a China contribuiu com mais de 70% da redução total da pobreza no mundo. Em março de 2021, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, comemorou essa conquista como um “motivo de esperança e inspiração para toda a comunidade das nações”. (PRASHAD, 2021). Ademais, a China conseguiu erguer uma classe média estimada em 400 milhões de pessoas, o que reforça o seu desenvolvimento e não só crescimento, ambos estão atrelados: “Mesmo sem metas mais detalhadas, o plano mostra a preocupação do país com a inclusão econômica da grande massa de trabalhadores pobres, evitando a estagnação da economia. [...] Atualmente, a classe média chinesa — aqueles que ganham entre 15.000 e 390.000 dólares ao ano — soma 400 milhões de habitantes.” (JUSTO, 2020).

um curto espaço de tempo de menos de três décadas³⁹, algo jamais visto no capitalismo, e sem tomar conhecimento do tal milagroso desenvolvimento “racionalizado” promovido pelo protestantismo. Além dos países nórdicos que conviveram com menores parcelas de religiosidades dentro de suas populações, mas, pelo seu passado de exploração internacional, constituíram sociais-democracias “desenvolvidas”. Contudo, vários países capitalistas “subdesenvolvidos” que foram colonizados e explorados, e que tiveram a adesão em massa da religião protestante, ainda continuam na condição de periferia do sistema, desde a época de Weber até agora, mais de 100 anos depois, basta olharmos para baixo do nosso nariz, no Brasil e na América Latina. Será mesmo que essa nova “racionalização” tem como fundamento um novo padrão de vida “racional” de indivíduos expresso em “ação social”⁴⁰? Reflexão posta.

Acerca do crescimento econômico da China, segue um gráfico demonstrando a sua dimensão em paralelo aos EUA, no período entre 1990 a 2018, comparando o Produto Interno Bruto-PIB de ambos nas últimas três décadas, ressaltando que PIB significa o acúmulo geral de produção e riquezas de um país o que não significa o mesmo que desenvolvimento, para comprovar desenvolvimento, outros parâmetros são mais significativos, como por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o próprio PIB se for analisado *per capita* (por pessoa), ainda seria insuficiente para demonstrar desenvolvimento, pois faz uma equação simplista entre a riqueza geral dividida pela população de um país, escondendo as desigualdades sociais e a má distribuição de renda dentro dos países, repassando uma falsa sensação de que existe uma média uniformizada de concentração de renda. Portanto, o gráfico abaixo apenas registra o crescimento Chinês superando os EUA em proporção na participação da composição de toda a riqueza mundial até 2018 (18,7% x 15,1%), entretanto, o seu desenvolvimento deve ser demonstrado por outros indicadores socioeconômicos que não somente o PIB.

³⁹ “Hoje, as economias de China e Estados Unidos têm tamanhos parecidos. De acordo com dados de 2018, a participação da China no PIB mundial é de 18,7%, enquanto que a dos Estados Unidos é de 15,1%. Mas até pouco tempo atrás não era assim. No início da década de 1990, por exemplo, o peso da China na economia mundial era irrisório, apesar de sua enorme população. No ano de 1990, a China respondia por 21% da população mundial, porém por apenas por 4% do PIB. O impressionante crescimento chinês ao longo das últimas três décadas mudou completamente esse quadro.” (RODRIGUES, 2020).

⁴⁰ Lembremos que a categoria da “ação social” foi mais abordada por Weber na sua obra póstuma, “Economia e Sociedade”. Citamos aqui (em conjunto com o conceito de racionalização da outra obra, “A ética...”) pelo fato de que essa categoria desenvolve as próprias teses anteriores de Weber, em termos metodológicos, constituindo uma sistematização mais precisa por parte do intérprete com acesso a publicação dos escritos póstumos.



Neste campo, observando esse fenômeno de extraordinária e drástica transformação social da China, existem até mesmo teóricos otimistas mais exagerados e entusiastas do sistema Chinês atual (o que não é o nosso caso, haja vista que guardamos extremas discordâncias na condução do processo revolucionário deste país, e temos a concepção de que em algum momento, também, expressará os limites do seu desenvolvimento, esbarrando na crise estrutural do capitalismo que percorre todo o globo terrestre, onde quer que existam relações de valor, capital e trabalho assalariado), que alegam ser esse processo de expansão econômica e erradicação da extrema pobreza na China o “maior feito da história da humanidade”, como afirma Jabbour (2021): “Já o crescimento econômico chinês proporcionou o maior feito da história humana em séculos: a superação da pobreza extrema em um país de dimensões populacionais, vicissitudes geográficas e com uma história recente muito particular.”.

Não é demais relembrar que na China, o protestantismo é quase inexistente, nas pesquisas mais forçadas, encontram-se, para o cristianismo no geral (incluindo todas as suas vertentes), no máximo, 4% de adeptos no país e, embora não haja dados robustos que possam exatificar de fato a divisão das religiões na China, temos a impressão que, boa parte da população não partilha de religiosidades e a maior parte dos religiosos seguem as seguintes doutrinas: budismo, confucionismo, taoísmo e shenismo (mitologia com divindades tradicionais chinesas), ou uma espécie de síntese entre todas elas ao mesmo tempo ou entre

duas delas ao menos. Mesmo diante deste cenário, a China segue crescendo sem cessar desde 1990 e racionalizando ora mais, ora menos, o controle e gerenciamento do processo produtivo⁴¹. Não podemos nos furtar de assinalar que tanto a ascensão dos EUA, na época de Max Weber, quanto a da China, em nossa contemporaneidade, tenham fundamentos e origens deveras mais condicionantes do que o “calvinismo” nos EUA dito por Weber ou, agora, o “confucionismo”, como alguns tentam utilizar contemporaneamente para explicar de maneira também precária o dito “milagre chinês”. Se fizéssemos o mesmo movimento metodológico Weberiano, teríamos de instaurar um quadro comparativo entre as condutas religiosas predominantes na China, que é o país que está em maior *boom* no século XXI, e nos demais países. No Brasil, a título de exemplo, segundo pesquisa do Datafolha⁴², publicada em 13/01/2020, 50% dos brasileiros são adeptos ao catolicismo, 31% são evangélicos, e 10% não têm religião. Poderíamos erigir desses dados uma análise séria e profunda no tocante às diferenciações entre o capitalismo com Estado forte, organizador e planejador Chinês e o capitalismo dependente com uma nova ofensiva “neoliberal” no Brasil? Nesta comparação, há ainda o fato de que o valor médio da hora de trabalho industrial na China ultrapassou a média brasileira em 2016. Enquanto na China se registrou US\$ 3,60 por hora, no Brasil, apenas US\$ 2,70: “O salário médio por hora de um trabalhador chinês do setor industrial já supera o do seu equivalente no Brasil, de acordo com dados da consultoria Euromonitor publicados pela revista Exame. O salário do chinês triplicou de 2005 para 2016 de US\$ 1,20 para US\$ 3,60 por hora, e hoje supera o de todos os países da América Latina, com exceção do

⁴¹ Contudo, é imperioso o estabelecimento das distâncias conceituais entre a “racionalização” que estamos atribuindo ao processo social Chinês dos últimos tempos e o que Weber atribuía ser uma racionalização. No sentido em que empregamos no caso específico da China, impregnamos um conceito de racionalização com um arcabouço muito mais amplo do que o Weberiano, no nosso caso é algo relativo à coletividade como um todo, embrincando as estruturas econômicas, as formas sociais, as instituições políticas, jurídicas, de ensino, ao sujeito, com as devidas mediações entre o sujeito individual e o ser social, com o prisma da totalidade, a racionalização que mencionamos tem muito mais conteúdo do que apenas um espírito religioso, estamos arguindo algo próximo, por exemplo, de uma racionalização nos termos de Hegel com o seu *Zeitgeist* (espírito absoluto e totalizante do tempo histórico), enquanto isso, Weber trouxe um conceito de racionalização *Stricto Sensu*, ligado muito mais ao indivíduo que incorporaria certos tipos de condutas conforme os seus dogmas religiosos e estes, no caso em tela, o calvinismo, iriam gerar um constructo que guiasse a conduta do indivíduo, de maneira que ele pudesse tomar decisões a partir da sua “ética” (não temos acordo com o conceito individualizado de ética de Weber, porquanto para nós, a ética é um complexo-valorativo concreto e material e não uma abstração universalizada idealisticamente), com essas condutas, os indivíduos começam a moldar a condução das próprias estruturas e instituições societais: “[...] de um mero meio para a economia em um princípio geral de conduta geral” (WEBER, 2016, p.251), sendo o sujeito um elemento ativo na construção processual do *devir* histórico, para Weber a transformação moderna começa dentro do indivíduo e se expressa fora dele simbolicamente gerando um “estilo de vida”, ao contrário de uma transformação totalizadora e de coletividade, concreta e não simbólica, como, por exemplo, o uso da força numa ação social efetivada pela revolução francesa de 1789. Era de se esperar um conceito mais estreito, dado o “individualismo metodológico” Weberiano partir mais do indivíduo do que da coletividade como um todo. Nesse aspecto, há até mesmo diferenças com outro sociólogo clássico, Durkheim, que observa mais as estruturas como formadoras do sujeito.

⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml> Acesso em 20/09/2021.

Chile.”⁴³.

Atribuiríamos ao “confucionismo” ou “shenismo” a fonte cultural que organizaria a causalidade na reprodução de um *habitus* mais adequado ao “desenvolvimento” do “novo” capitalismo “racional” do século XXI. Enquanto no Brasil, as condutas “éticas” não seriam suficientes para se enquadrar nesse “novo” capitalismo, pois, não há presença significativa de religiões chinesas no país, ao contrário, temos 81% da população seguindo o cristianismo (50% na vertente católica e 31% na evangélica derivada do protestantismo). Notoriamente que não realizaríamos tais procedimentos, pois incorreríamos na mesma dubiedade das teses desatinadas que estamos contrapondo em nosso artigo. Diferentemente do que encontramos no “A ética protestante”, não operaríamos essas impropriedades, pois, também no caso Chinês do século XXI, não podemos perder de vista a totalidade e a divisão internacional do trabalho. O fato de o Brasil ser um país de Estado dependente desde a invasão portuguesa que instaurou um desenvolvimento “via colonial” do capitalismo com um genocídio dos povos originários mesclado ao escravagismo com os negros advindos de África à força para serem transformados em mão de obra escrava, não pode ser creditado, somente e simplesmente, às religiões hegemônicas que exerceram, obviamente, papel de dominação e “aculturação”, mas não constituem, sozinhas, o todo do movimento histórico e nem compõem nessa totalidade, a parte mais expressiva do processo de vilipêndio que a expansão do capitalismo europeu nos trouxe com a sua barbárie atroz. Noutro lado, a soberania chinesa contemporânea não advém somente das suas religiões, precisamos compreender a geopolítica hodierna, a guerra híbrida e o fato de o Estado Moderno Chinês estar vindo de uma conseqüente revolução que possibilitou a sua maior tomada de posição perante o imperialismo ocidental, além das incursões do país asiático em busca de mão de obra barata nos países alheios.

Regressando para a temática principal, observemos qual era o diagnóstico de Weber sobre a China e a Índia e não precisaremos mais nos alongar sobre as debilidades das suas teses culturais e religiosas⁴⁴: “E por que os interesses capitalistas não fazem o mesmo na

⁴³ Disponível em: <http://fetquim.org.br/noticias/trabalhador-industrial-brasileiro-ganha-menos-do-que-um-chines-diz-revista-exame-e-le3/> Acesso em 20/09/2021.

⁴⁴ Obviamente que, por ter sido um Sociólogo de “carteirinha”, ele vai tentar se prevenir a priori dos possíveis erros e excessos da sua obra a “A ética Protestante e o espírito do capitalismo”, ponderando e justificando que apenas um Especialista em religiões e culturas particulares poderia escapar desses erros, como já constatamos, Weber era devoto da sacrossanta “especialização” moderna e das divisões da ciências sociais, aqueles que tentavam ter uma ótica totalizante e construíam a “teoria social” eram satirizados pelo Sociólogo alemão como “diletantes”: “O estudioso especialista em cultura chinesa, indiana, semita ou egípcia não irá encontrar, evidentemente, quaisquer fatos desconhecidos por ele. Unicamente, nutrimos esperanças de que eles não encontrem nada definitivamente equivocado naqueles temas que forem essenciais. O autor não tem como ter certeza acerca do quanto foi possível aproximar-se desse ideal levando-se em conta até onde alguém não especialista é capaz de alcançá-lo. [...] A moda e o zelo dos *literati*, poderiam fazer-nos achar que os especialistas

China ou na Índia? Por que o progresso científico, artístico, político ou econômico nesses países não passou por esse caminho de racionalização que é peculiar do Ocidente? Porque em todos os casos acima há a questão do racionalismo específico e peculiar da cultura ocidental.” (WEBER, 2016, p.24).

Por fim, é necessário frisar que os estudos de Weber sobre a religião, com óticas sociológicas, causaram um enorme impacto no que vinha predominando, até então, nas ciências sociais nessa seara, ou como diríamos hoje: neste departamento de pesquisa. A

hoje em dia podem ser poupados, ou que eles estariam degradados a uma posição subordinada à do visionário. [...] Mas ter em conta o diletantismo como um princípio primeiro seria o fim de toda ciência. Aquele que anseia por visões deveria ir ao cinema.” (WEBER, 2016, p.26-27). Estamos em dissonância com essa posição de supervalorização da especialização, por suposto, já que cremos ser imprescindível compreender a realidade social tal qual ela se apresenta, enquanto “um complexo de complexos”, uma unidade de diversos formada por uma totalidade de múltiplos condicionamentos. Porém, no fim das contas, temos consonância com uma das elaborações de Weber: a de que, provavelmente, essas suas teses se tornariam obsoletas no futuro. Bom, estamos neste futuro e, a dedução do autor, parece-nos válida, pois as linhas vitais e medulares das suas teses acerca do capitalismo “moderno e racional” estão caducas e são inadequadas quando comparadas com a prática social. Entretanto, discordamos do motivo ao qual Max Weber creditava que seu livro se tornaria “obsoleto”, para ele, seria por causa dos avanços dos especialistas nas questões específicas de cada cultura, para nós, o inverso foi o verdadeiro, faltou “diletantismo”, “visão” e algumas idas ao “cinema” por parte de Weber, afinal, o seu trabalho não nos legou nenhuma condição totalizante e não apreendeu nenhuma legalidade social que fosse estruturante e fosse reprodutora do capitalismo, a correlação com o calvinismo não conseguiu fornecer para a Sociologia, nenhum elemento fundamental para dissecar e compreender o mundo moderno, apenas um fator religioso costurado de forma idealista e sem reflexo na realidade. Ao fim e ao cabo, o que nos restou foi apenas uma excelente interpretação da doutrina protestante e do calvinismo, somente, embora, paradoxalmente, o desiderato de Weber era muito mais tentar alcançar os efeitos práticos dessa religião do que os seus postulados teóricos e teológicos (WEBER, 2016, p.42). Acerca do capitalismo, as observações foram infrutíferas, e as correlações entre o sistema e a religiosidade, também, desprovidos de materialidade. “E, naturalmente, é apenas porque estudos expertos com esse propósito específico e desse ponto de vista particular não foram feitos até o presente momento que os aqui presentes foram escritos afinal. Eles estão destinados a torna-se obsoletos em um sentido muito mais importante do que o que pode ser dito, à medida do possível, sobre outros trabalhos científicos.” (Ibidem, p. 26-27). Evidentemente que as nossas observações servem para os temas centrais abordados em “A ética Protestante e o espírito do capitalismo” e “Economia e Sociedade”, não podemos nos furtar de registrar que Weber teve contribuições mais importantes, em algumas outras temáticas ou mesmo em pontos laterais dessas duas obras (a sua análise imanente sobre como funcionavam as correntes protestantes do seu tempo, como já citamos, é aproveitável no âmbito teológico, embora em nossa contemporaneidade tenhamos mais que dezenas de novas derivações do protestantismo. Ademais, a inserção que Weber fez dessas religiosidades no contexto social foi extremamente equivocada, utilizando os “princípios” que estavam em voga nas teorias econômicas marginalistas como se fossem expressões da realidade. Por isso, ao encontrar princípios semelhantes em algumas doutrinas religiosas acreditou ter descoberto a “roda”, o “fogo”, ou o “demiurgo” da análise societal, quando, idealisticamente, enxergou as combinações entre o que a economia “vulgar” dizia ser a conduta econômica e os dogmas do calvinismo, o que engendrou a sua versão infundada de capitalismo “racional” e “moderno”). Em termos metodológicos, em algumas críticas feitas ao capitalismo e ao Estado noutras ocasiões, serviram de influência em alguma medida para o próprio György Lukács que soube aproveitá-las e, a partir delas, realizar um movimento de superação da análise Weberiana por intermédio de um *aufhebung* (negação-conservação-superação), dentre outros contributos que fizeram parte das teses de Lukács desde o seu período Kantiano, passando pelo Hegeliano e chegando, por fim, ao Marxista, algumas das formulações de Weber foram assimiladas para uma superação ontológica. Sobre os elementos de Max Weber que influenciaram Lukács de alguma forma, indicamos ao leitor um escrito que consegue resolver todo esse imbróglio, é a tese de doutorado do professor Ranieri Carli, intitulada: “As raízes históricas da sociologia de Max Weber”, publicada em 2008. Portanto, como introduzimos no primeiro parágrafo deste artigo, Weber é um “clássico” da Sociologia, sendo imprescindível o seu estudo para a própria crítica do “irracionalismo” que ele introduziu nas ciências sociais com êxito no que se refere à grande repercussão dos seus escritos nas academias e entre os cientistas sociais ainda no século XXI.

introdução desta análise mais cultural o levou à conclusão de que o protestantismo seria fundamental para a sedimentação dos costumes que combinavam com o sistema do capital, como a busca insaciável pelo lucro (para poupar e reinvestir e não consumir a esmo) e a dignificação do “trabalho”, uma espécie de “vocação” do sujeito inserido no capitalismo, terminando de constituir, desta forma, o homem capitalista, especialmente, nos Estados Unidos da América (sem esquecer dos demais países centrais do capitalismo Ocidental, como Alemanha e Inglaterra), regulando racionalmente o cotidiano dentro do sistema. Em seus termos: “a passagem do romantismo das aventuras econômicas para a conduta racional da vida econômica” (WEBER apud COHN, 1979, p. 20). A análise de Weber, no livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, estava muito mais preocupada com a questão religiosa, apreendida por intermédio de uma “Sociologia da Religião”, e as suas influências e condicionamentos ao sistema, do que com o próprio sistema capitalista, *per se*, enquanto sociometabolismo totalizante, como o fez Karl Marx, por exemplo, no “O capital: crítica da economia política”.

Referências

AGÊNCIAS. Trabalhador industrial brasileiro ganha menos do que um chinês, diz revista Exame. FETQUIM, 21 de Janeiro de 2020. Disponível em: <http://fetquim.org.br/noticias/trabalhador-industrial-brasileiro-ganha-menos-do-que-um-chines-diz-revista-exame-e1e3/> Acesso em 20/09/2021.

BATISTA, Ronaldo. Valores, Condutas e Ética em Weber. In: WEBER, Max. **A ética Protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução Mário Morais – São Paulo: Martin Claret, 2016.

CARVALHO, Davi Gustavo de. **Max Weber diante do Socialismo**. 2008, 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara).

CONH, G. **Max Weber**. Coleção grandes Cientistas Sociais, n. 13. São Paulo: Ática, 1979. G1, Política. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. 13/01/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml> Acesso em 20/09/2021.

GHOSH, Peter. **O que Max Weber quis dizer com o “espírito do capitalismo”?** NEXO, 12 de junho de 2018. Tradução: Camilo Rocha. Disponível em < <https://www.nexojornal.com.br/externo/2018/06/16/O-que-Max-Weber-quis-dizer-com-o-%E2%80%98esp%C3%ADrito-do-capitalismo%E2%80%99> > Acesso em 12/09/2021.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. **Um outro espírito, um outro capitalismo. O papel da economia antiga na tipologia do capitalismo em Max Weber.** São Paulo, 2012.

JABBOUR, Elias. **Eliminação da pobreza extrema na China é o maior feito da história da humanidade.** Brasil de Fato, 2021. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/07/16/artigo-eliminacao-da-pobreza-extrema-na-china-e-o-maior-feito-da-historia-da-humanidade>> Acesso em 17/09/2021.

JUSTO, Gabriel. **Para não repetir erro do Brasil, China quer turbinar classe média.** Exame, 2020. Disponível em <https://exame.com/mundo/para-nao-repetir-erro-do-brasil-china-quer-turbinar-renda-da-idade-media> Acesso em 17/09/2021.

KONDER, Leandro. **O que é dialética.** — São Paulo: Brasiliense, 2008. — (Coleção Primeiros Passos: 23).

LÖWY, Michael. **A jaula de aço.** Boitempo, 2014.

LUKÁCS, György. **A Destruição da Razão.** Tradução de Bernard Herman Hess, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes; revisão de Ester Vaisman, Ronaldo Vielmi Fortes. — São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

_____. **Marx e Engels como historiadores da literatura.** Tradução Nélio Schneider. 1.ed – São Paulo: Boitempo, 2016.

MARTINS, C. B. **O que é Sociologia.** 31 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

_____. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital / Karl Marx;** [tradução de Rubens Enderle]. - São Paulo: Boitempo, 2013.

PRASHAD, Vijay. **China erradica pobreza extrema enquanto bilionários dão voltinha no espaço.** Brasil de Fato, 2021. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/09/china-erradica-pobreza-extrema-enquanto-bilionarios-dao-voltinha-no-espaco>> Acesso em 17/09/2021.

RODRIGUES, Mauro. **O impressionante crescimento da China nas últimas três décadas | Gráfico da Semana.** Por Quê? Economês em bom português, 2020. Disponível em <https://porque.com.br/o-impresionante-crescimento-da-china-nas-ultimas-tres-decadas-grafico-da-semana> Acesso em 17/09/2021.

SOUZA, Jessé. **Max Weber e o “racismo científico” da Sociologia moderna.** Idéias|Campinas (SP)|n. 8|nova série|1º semestre (2014).

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2004. Coleção a Obra-Prima de Cada Autor.

_____. **A ética Protestante e o espírito do capitalismo.** Tradução Mário Morais – São Paulo: Martin Claret, 2016.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.